

PÍLULAS DE **BOM SENSO**

USE SEM MODERAÇÃO

Por Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

**CRÔNICAS TRAGICÔMICAS DE
UM DIPLOMATA RESISTENTE**

afipea

Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea | Associação dos Funcionários do Ipea

6

CRÔNICAS TRAGICÔMICAS DE UM DIPLOMATA RESISTENTE

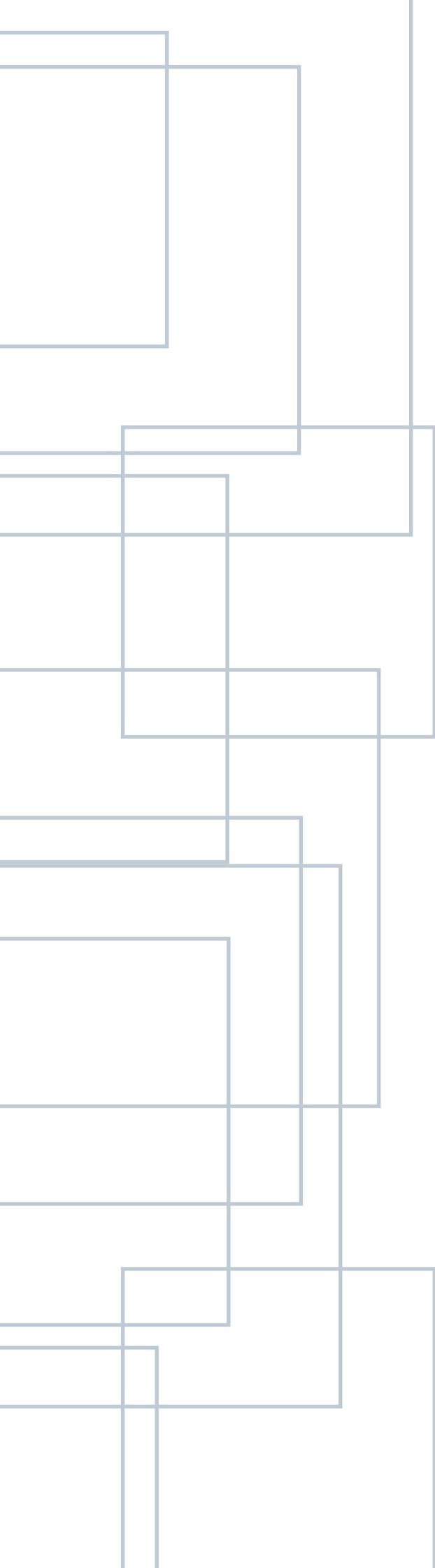
DADOS CATALOGRÁFICOS

PROJETO GRÁFICO

Matheus Natan Martins Dutra e Henrique Euzébio
Alves

EDITORAÇÃO

Henrique Euzébio, Humberto Leite e Marina Rito



Esta publicação tem um autor anônimo: o Ministro Ereto da Brocha, Ombudsman, o cronista misterioso do Itamaraty. Os textos introdutórios explicam sua relevância para entender o Brasil atual.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| NOTA DE ADVERTÊNCIA ÉTICO-METODOLÓGICA <i>José Celso Cardoso Jr.</i> | 7 |
| NOTA LIMINAR ÀS CRÔNICAS DO ITAMARATY BOLSOLAVISTA: UM CRONISTA (ATÉ AQUI) MISTERIOSO <i>Paulo Roberto de Almeida</i> | 8 |
| INTRODUÇÃO PESSOAL ÀS CRÔNICAS DO DIPLOMATA ANÔNIMO <i>Paulo Roberto de Almeida</i> | 10 |
| 1 - O PAPEL DO ASNO NA SOCIEDADE BRASILEIRA (SEMANA 01) | 11 |
| 2 - GUSMÃO RENDIDO (SEMANA 02) | 12 |
| 3 - PELA RESTAURAÇÃO! (SEMANA 03) | 12 |
| 4 - FRANJAS LUNÁTICAS (SEMANA 4) | 13 |
| 5 - O ANTI-BARÃO (SEMANA 05) | 14 |
| 6 - ALIENÁVEIS ALIENÍGENAS (SEMANA 06) | 15 |
| 7 - NOBEL (SEMANA 07) | 16 |
| 8 - SUSSURRAM OS CORREDORES (SEMANA 08) | 17 |
| 8 BIS - BOLO DE LARANJA LIMA (SEMANA 08-BIS) | 18 |
| 9 - MEU CARO AMIGO (SEMANA 09) | 19 |
| 10 - AOS FATOS (SEMANA 10) | 19 |

| | |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| 11 - KEJSERENS NYE KLÆDER (SEMANA 11) | 20 |
| 12 - A ERA DO RÁDIO (SEMANA 12) | 21 |
| 13 - ERA UMA VEZ NA ARÁBIA UM HOMEM CHAMADO ABU (SEMANA 13 – PARTE 01) | 22 |
| 14 - ABU V, O HETERÔNIMO (SEMANA 14 – PARTE 02) | 23 |
| 15 - O ESTRANHO CASO DE ABU (SEMANA 15 – PARTE 03) | 24 |
| 16 - A JORNADA DO HERÓI (SEMANA 16) | 25 |
| 17 - RUMO À IDADE MÉDIA (SEMANA 17) | 27 |
| 18 - PATRIOTAS (SEMANA 18) | 28 |
| 19 - OS LEITÕES DE NIEMÖELLER (SEMANA 19) | 29 |
| 20 - RECEITA CONTRA O GLOBALISMO (SEMANA 20) | 30 |
| 21 - O IG NOBEL (SEMANA 21) | 31 |
| 22 - O DISCURSO [NA ONU] (SEMANA 22) | 32 |
| 23 - AS CINZAS DE POMPEIA (SEMANA 23) | 33 |
| 24 - RÉQUIEM PARA UM POVO (SEMANA 24) | 34 |
| 25 - A ESTAGNAÇÃO FREUDIANA DO BOLSONARISMO (SEMANA 25) | 35 |
| 26 - SER PÁRIA. É BOM SER PÁRIA (SEMANA 26) | 36 |
| 27 - O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO (SEMANA 27) | 37 |
| 28 - E AGORA, JOSÉ? (SEMANA 28) | 38 |

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 29 - SOZINHO (SEMANA 29) | 39 |
| 30 - XARAB FICA? (SEMANA 30) | 40 |
| 31 - BANANA SPLIT (SEMANA 31) | 41 |
| 32 - TECITO DE MORINGA (SEMANA 32) | 42 |
| 33 - A FAMÍLIA BEAN (SEMANA 33) | 44 |
| 34 - RETORNO A ASA BRANCA (SEMANA 34) | 45 |
| 35 - PRESENTE DE NATAL (SEMANA 35) | 45 |
| 36 - FELIZ ANO VELHO (SEMANA 36) | 47 |
| 37 - VOLUME II, CAPÍTULO 01. (SEMANA 37) | 48 |
| 38 - OS DESTRUIDORES DE MUNDOS (SEMANA 38) | 49 |
| 39 - MINISTRO EM FUGA (SEMANA 39) | 50 |
| 40 - BATENDO PALMA PARA MALUCO DANÇAR (SEMANA 40) | 51 |
| NOTA FINAL DE CONCLUSÃO SEM FIM: UM CRONISTA MISTERIOSO ANIMA A RESISTÊNCIA NO ITAMARATY <i>Paulo Roberto de Almeida</i> | 52 |
| APÊNDICE: UM MANIFESTO GLOBALISTA <i>Paulo Roberto de Almeida</i> | 53 |

NOTA DE ADVERTÊNCIA ÉTICO-METODOLÓGICA

José Celso Cardoso Jr.¹

Tomei conhecimento do *cronista misterioso* do Itamaraty, de alcunha Ereto da Brocha, pela edição de dezembro de 2020 da revista Piauí. A matéria, assinada por Luigi Mazza, além de muito divertida, incutiu em mim grande curiosidade sobre o conjunto da obra que ali era anunciada, vale dizer: crônicas periódicas escritas, supõe-se, por “diplomata anônimo que zomba de Ernesto Araújo e sua trupe.”

Tomamos, então, a iniciativa de procurar o embaixador Paulo Roberto de Almeida, única referência anunciada nominalmente na matéria de Mazza, para saber se poderíamos ter acesso ao conjunto completo das tais crônicas de Ereto da Brocha. Soubemos que todas estavam (e ainda estão) postadas no blog *Diplomatizando*², de livre acesso, e aproveitamos as férias de janeiro de 21 para saborear o conteúdo.

Apesar de pessoalmente considerar o pseudônimo escolhido muito chulo,³ qual não foi a nossa surpresa ao descobrir que, mais que crônicas de humor e descrédito acerca da atual gestão do MRE, havia ali reflexões claras sobre o peso e papel histórico-institucional da diplomacia brasileira no concerto das nações. Além de postura política ativa do nosso cronista frente às barbaridades em curso no ministério e na própria política externa brasileira, com reflexos deletérios reais sobre a imagem, peso e papel internacional do Brasil no cenário global.

Em outras palavras: vistas em conjunto, as crônicas buscam menos personalizar ou *fulanizar* a condução da política externa pelo atual governo, e mais problematizar ou criticar tal condução sob o prisma dos riscos institucionais – ao próprio ministério, mas também ao Brasil, em última instância – que tal condução enseja.

Em suma, concluímos tratar-se de registro histórico, ao mesmo tempo raro e irreverente, provocativo e propositivo, acerca de uma das facetas do que temos chamado de *assédio institucional* no se-

1 Servidor público, pesquisador do Ipea e presidente da Afipea.

2 “**Um Ornitorrinco no Itamaraty: crônicas do Itamaraty bolsolavista**”, Brasília, 5 novembro 2020, 35 p. Compilação de 24 crônicas do cronista misterioso, um diplomata aposentado que se apresenta como “ministro Ereto da Brocha”. Postado na plataforma Academia.edu: https://www.academia.edu/44437505/Um_Ornitorrinco_no_Itamaraty_cronicas_do_Itamaraty_bolsolavista_Ereto_da_Brocha_2020_; disseminado via *Diplomatizando*: <https://diplomatizando.blogspot.com/2020/11/um-ornitorrinco-no-itamaraty-cronicas.html>

3 Segundo a matéria de Luigi Mazza, há certa concordância dos entrevistados sobre isso, ao que a explicação para a escolha do pseudônimo teria a ver com a intenção do cronista em caracterizar a figura do Ministro Ernesto Araújo como sendo “ao mesmo tempo vulgar e impotente”. Que os leitores julguem o acerto ou não desta escolha.

tor público brasileiro.⁴ Reside aqui a razão de fundo a nos encorajar a publicar na íntegra, como verdadeiras Pílulas de Bom Senso, o conjunto de crônicas de Ereto da Brocha, recolhidas de modo intermitente entre agosto de 2020 e janeiro de 2021, e publicadas originalmente no blog *Diplomatizando*. Com aquiescência do embaixador Paulo Roberto de Almeida, mesmo sabendo dos riscos potenciais de retaliação que possamos vir a sofrer da onda de ignorância, intransigência e violência que grassa em nosso país nessa quadra histórica terrível que ora vivemos.

Nestes termos, cientes de que a Constituição Federal de 1988, ainda vigente, garante-nos a prerrogativa da livre manifestação e que cabe ao Estado a proteção da liberdade individual e da integridade física (e psíquica) da pessoa humana nos termos da lei, dedicamos esse volume do Pílulas de Bom Senso a todos aqueles e aquelas que ainda não desistiram de pensar e de lutar por um Brasil verdadeiramente republicano, democrático e desenvolvido, para todos os seus cidadãos e cidadãs. Melhor ainda se pudermos fazer isso com bom humor!

Em nome do nosso compromisso ético com o futuro, ousemos!

NOTA LIMINAR ÀS CRÔNICAS DO ITAMARATY BOLSOLAVISTA: UM CRONISTA (ATÉ AQUI) MISTERIOSO

*Paulo Roberto de Almeida.*⁵

No dia 20 de agosto de 2020 recebi, de um colega de carreira, uma dúzia de arquivos assinados com um *nom de plume*, nitidamente de um diplomata aposentado, empenhado em criticar os descaminhos do Itamaraty bolsolavista.

Eles foram seguidos, nas semanas seguintes, por mais outros conjuntos de arquivos, perfazendo, até aqui, 40 crônicas saborosas. Li, gostei, e resolvi republicar, por minha conta e risco, no *Diplomatizando*, uma por uma destas crônicas, que tratam todas da lamentável situação do Itamaraty sob a gestão do atual governo aloprado.

Elas foram redigidas certamente por um diplomata experiente, mas já aposentado, o que o coloca ao abrigo de retaliações maciças que possam aflorar no cérebro confuso do seu principal objeto, o *ornitorrinco* que vive submergido, fora do alcance da imprensa e do escrutínio dos próprios colegas. Como detectei grande interesse no material, resolvi compor uma pequena brochura para colocar essas crônicas de um autor ainda

4 A respeito, ver Barbosa da Silva, F.; Cardoso Jr., J. C. **Assédio Institucional no Setor Público e o Processo de Desconstrução da Democracia e do Republicanismo no Brasil**. Brasília: Cadernos da Reforma Administrativa n. 12, Fonacate, 2020.

5 Diplomata e escritor.

desconhecido à disposição dos interessados, consolidando o material recebido com pequenas introduções a cada uma delas e uma introdução geral ao conjunto, todos esses textos feitos claramente de improviso, no calor da hora.⁶

Acredito que o cronista anônimo vai continuar se exercendo nas doçuras da crítica sarcástica, mas não tenho contato com ele. Dependo de colegas que recebem e me repassam o material, que não sei exatamente como circulam. O fato é que essas crônicas são lidas com indizível prazer pela nossa corporação de ofício, que assim pode desfrutar (ainda que clandestinamente) do sarcasmo que são a sua marca irrecusável.

Numa conjuntura de tantos absurdos e bizarrices, a maior parte composta de declarações presidenciais imensamente constrangedoras para nosso país, internamente e externamente, uma das reações usadas em todas as épocas é a derrisão, ou seja, a ironia ferina, ou sarcástica, usada como arma da crítica, desde Erasmo e Swift, até nossos dias. Dois dos nossos saudosos cronistas de costumes, Stanislaw Ponte Preta – autor do (hoje de mais rara menção, mas inesquecível) Febeapá, o “Festival de Besteiras que Assola o País” – e Millôr Fernandes, também conhecido como Vão Gogo, se sentiriam à vontade e escreveriam novas

crônicas impagáveis sobre os atuais pândegos do poder estabelecido.

Se eu tivesse de dar um conselho ao nosso cronista misterioso, eu pediria que ele datasse, pelo calendário efetivo, cada uma de suas saborosas crônicas, pois o registro cronológico é importante para a história, uma vez que o Brasil necessita ter um registro preciso destes tempos tão pouco memoráveis, não convencionais, em nossa vida de retinas fatigadas pelas pedras no caminho que temos de enfrentar em nossa incerta trajetória em direção a um vago futuro.

Em todo caso, desejo uma excelente continuidade no bom trabalho que vem sendo desenvolvido pelo cronista misterioso. Não sei se a FUNAG (Fundação Alexandre de Gusmão), em alguma administração futura, poderá publicar estas crônicas de costumes, mas fica a sugestão, talvez num estilo não muito diferente daquele seguido, no século XIX, por uma dupla que se exercia nesse tipo de crítica: Bouvard e Pecuchet.

Por ora, entretanto, agradecemos o interesse e disposição da Afipea-Sindical em fazê-lo, certo de que cumpre um papel ético e profissional da mais alta conta ao país, em contraste franco ao dia-a-dia de misérias e misericórdias que temos vivido.

6 “Um Ornitorrinco no Itamaraty: crônicas do Itamaraty bolsolavista”, Brasília, 5 novembro 2020, 35 p. Compilação de 24 crônicas do cronista misterioso, um diplomata aposentado que se apresenta como “ministro Ereto da Brocha”. Postado na plataforma Academia.edu: https://www.academia.edu/44437505/Um_Ornitorrinco_no_Itamaraty_cronicas_do_Itamaraty_bolsolavista_Ereto_da_Brocha_2020_; disseminado via *Diplomatizando*: <https://diplomatizando.blogspot.com/2020/11/um-ornitorrinco-no-itamaraty-cronicas.html>

INTRODUÇÃO PESSOAL ÀS CRÔNICAS DO DIPLOMATA ANÔNIMO

Paulo Roberto de Almeida.

Como dito acima, fui apresentado, na quinta-feira 20 de agosto de 2020, a uma série de “crônicas” da mais fina qualidade literária, ainda que no gênero sarcasmo, as quais eu desconhecia completamente. Segundo me relatou o “expedidor”, essas saborosas crônicas têm circulado desde algumas semanas, e estão sendo distribuídas metodicamente a seus felizes destinatários, entre os quais eu não me incluo (daí ter sido contemplado, apenas tardiamente e indiretamente, com a remessa de uma dúzia completa, que devorei imediatamente, com grande prazer, aliás).

Segundo depreendo das palavras do autor, trata-se de um diplomata aposentado, grande conhecedor não apenas da cultura do Itamaraty, mas da cultura *tout court*, capaz de finas alusões literárias, musicais, históricas e de uma grande dose de ironia, para não dizer de sarcasmo, puro e direto. Mas tem muito mais do que isso. Pelo que me ensinam os dicionários, os sinônimos de sarcasmo podem ser os seguintes: zombaria, brincadeira, burla, caçoada, chacota, deboche, derrisão, escárnio, galhofa, gozação, ironia, malhação, mangação, sátira, troça, apupo, gracejo, jocosidade (entre vários outros). Tem tudo isso nestas crônicas, mas sempre com muita elegância, típica de um diplomata de *la vielle école*,

desses que praticamente já não existem mais.

Em todo caso, as tiradas do nosso cronista misterioso são muito bem vindas no atual estado depressivo no qual vivem o Itamaraty e os *itamaratecas*, uma vez que ele revive o espírito gozador do nosso povo, não os humoristas de ocasião, estilo Casseta e Planeta, mas os maiores e os mais inteligentes, desde Lima Barreto e Mendes Fradique, passando pelo Barão de Itararé e por Stanislaw Ponte Preta, até chegar no inesquecível Millôr Fernandes (também conhecido como “Vão Gogo, um escritor sem estilo”).

O cronista aqui descoberto – êpa!; ainda não: desconheço sua identidade por completo, nem quero conhecer – ainda tem uma longa carreira pela frente, tanto quanto durar o besteirol governamental, e mais precisamente aquilo que eu já denominei de “miséria do Itamaraty”. O personagem aqui visado, merecidamente, digamos assim, vai ficar muito desconfortável ao ler estas saborosas crônicas, se ainda não as leu. Suponho que ele vai pedir aos arapongas do regime bolsonarista, aos esbirros do Gabinete do Ódio (que já lhe forneceram farto material para atacar seus antecessores e supostos adversários políticos) que lhe façam a busca, e não será uma grande surpresa se ele descobrir quem se esconde atrás desse nome bizarro escolhido pelo “cronista dos absurdos” da diplomacia bolsolavista.

Não importa agora quem seja o Batman, o Fantasma, o herói temporário de tantos diplomatas discretamente satisfeitos com estas crônicas de tempos miseráveis. O personagem destas crônicas vai tentar identificar quem ele considera um êmulo do Fantômas, ou do Arsène Lupin, mas o nosso cronista é na verdade um grande diplomata, um defensor das melhores tradições do Itamaraty, apenas que armado da mais fina ironia que é possível a um experiente cultor da literatura, da música, da cultura brasileira. Vou postar, sistematicamente, todas as crônicas a que tive acesso desde o mês de agosto (mês de cachorro louco, segundo velhos mitos políticos), e postarei outras mais, se por acaso for contemplado com mais peças de refinado sabor sarcástico.

1 - O PAPEL DO ASNO NA SOCIEDADE BRASILEIRA (SEMANA 01)

[Introdução PRA: Apenas transcrevo o que anda circulando discretamente por aí...]

Sérgio Buarque, no seu magistral *Raízes do Brasil*, dizia que, no Império, no engatinhar da nossa pedagogia, não se falava em ensinar ou educar as crianças, mas, sim, em desasnar os pequenos. Acreditava-se que os primeiros passos da educação serviam para arrancar os meninos da condição animalésca que a infância os relegava.

Muito evoluímos desde então para saber que nem são as crianças tão ignóbeis nem os asnos tão animais. O asno, o nosso carinhoso burro, não é o grande malandro da praça, mas é a primeira força motriz estruturante de nossa sociedade. Que meu amigo Synésio me perdoe, mas sua obra *Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas* não fez justiça a esses nobres colegas. Foi no lombo de jumentos, burros, asnos e mulas que ampliamos as fronteiras deste país, que construímos nossa economia e que consolidamos nossas fronteiras.

O ávido leitor deve estar se questionando: “Mas Ministro Ereto, por que tantos elogios a este nobre?”. Ora, amigo leitor, é-me essencial elogiar esta nobre besta para que eu possa pedir perdão pelo vocabulário que me falta ao descrever nossa diplomacia atual. Falta-me intelecto para descrever as bravatas atarantadas de Ernesto. E, por esta razão, peço desculpas às nobres bestas, pois utilizarei seus epítetos para descrever estes dois anos de desgoverno, entre eleição e concretização nefasta, e de seu psicopata-chanceler ou chanceler-esquizofrênico, como preferam.

Explico. Venho por meio deste declarar-me *ombudsman* da psicose de Ernesto e dos poucos, muito poucos, que com ele compactuam. Imbuído da tradição e do valor não só de meus contemporâneos, mas também dos diplomatas que me precederam e daqueles que hão de reconstruir o Itamaraty quando o *bolso-olavismo* vier a se esvaír no tempo, relatarei periodicamente mi-

nhas impressões sobre esta nova idade das trevas acéfala.

Em nome de um Itamaraty ereto, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

2 - GUSMÃO RENDIDO (SEMANA 02)

[Introdução PRA: *Nosso Ombudsman secreto acusa os bolsolavistas do Itamaraty atual de serem “terroristas do intelecto”, no que eu acho que eles têm inteiramente razão. Pelos convites formulados pela Funag se aproximam da “indigência subintelequital”]*

Em caricato seminário, o atual presidente da FUNAG afirmou que embaixadores antigos, por ignorância ou por má-fé, confundem globalização com globalismo. Lamentável.

Veja aqui se um homem da minha idade pode aceitar esse tipo de desafio. Eu, que tanto trabalhei pela nossa FUNAG, tenho o dessabor de vê-la transformada em agência de notícias falsas. Não, seu ministro, não é ignorância nem má-fé. O que ocorre é que esse globalismo que Vossas Senhorias vociferam por aí não passa de um conto de lunáticos.

Pasmem, palestrantes iluminados, não existe governo mundial! Não,

o Itamaraty nunca foi uma filial servil da ONU, a cumprir ordens ocultas que sequer Vossas Inteligências conhecem.

Qual não é a revolta de um velho ao ouvir que o Brasil não era sequer anão diplomático, porque anão pelo menos é adulto. E, vejam vocês, que éramos “adolescentes diplomáticos”. Ainda mais quando dito por aqueles tremebundos com mitos infantis de “comunismo cultural”. Queria eu ignorar os obtusos e voltar ao meu Homero. Mas logo na nossa FUNAG?

Sinto como se fanáticos houvessem sequestrado a FUNAG. Sua bandeira prega a destruição da coerência, da razão e do livre pensar. São terroristas do intelecto. Visam incutir em nossas mentes o medo da razão, da real intelectualidade.

Pelo resgate da FUNAG, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

3 - PELA RESTAURAÇÃO! (SEMANA 03)

[Introdução PRA: *Como muitos se recordam, a declaração assinada por todos os ex-chanceleres, pelo ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero e pelo ex-secretário de Assuntos Estratégicos do governo normal antecessor, Hussein Kalout, clamava pela RECONSTRUÇÃO da política externa e da diplomacia. Nosso ombudsman*

já começou a tarefa e conclama todos à RESISTÊNCIA.]

Fui um Liberal! Então a democracia era jovem no país; estava nas aspirações de todos. Meu espírito liberal embalava meu esforço por um Itamaraty prestigioso e por um país de ordem e de progresso, livre do flagelo ditatorial e dentro de uma liberdade ampla. E fizemos a constituinte. E fizemos um país soberano. E fizemos a integração do nosso continente; e fizemos a Rio 92. E o mundo nos via como um país forte, aberto, respeitado.

Hoje sou um Restaurador! Diante de toda a destruição que tenho visto de nossa diplomacia, que nem mesmo a ditadura militar provocou, preciso erguer minha caneta contra os que vilipendiam todo o patrimônio que nos legou nosso barão!

Não são nem conservadores nem liberais estes que hoje bradam impune-mente o pendão do liberalismo econômico e do conservadorismo social. São falsos profetas. São revolucionários. E no torpor de sua revolução, põem abaixo toda a tradição diplomática que encontram pela frente.

Precisamos restaurar nossos vínculos com o interesse nacional, com o pragmatismo, com a soberania de nosso país; com nossa Constituição. Não podemos nos rebaixar ao papel de vassalo de outros países, por simples ideologismo revolucionário.

Precisamos construir uma política externa que defenda os verdadeiros in-

teresses nacionais, não as fantasias alucinadas de um grupelho pós-integralista.

Pela Restauração de nossa Casa, resistam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

4 - FRANJAS LUNÁTICAS (SEMANA 4)

[Introdução PRA: *"Lunatic fringe", é como os americanos mais sensatos se referem aos malucos que ajudaram um oportunista a galgar a presidência da mais poderosa nação do mundo (with a little help from the Russians...). É a expressão usada pelo embaixador Rubens Ricupero para referir-se aos malucos que tomaram conta da diplomacia brasileira (with a little help from inside).]*

Saravá, meu bom Rubens, sempre perspicaz. Escrevo-lhe para dizer que errei. Ri na primeira vez que usaste a expressão "lunáticos" para se referir aos atuais formuladores - ou destruidores - da política externa. Ri, mas não cri. Tinha ainda esperanças de que nossas tradições, princípios e valores prevaleceriam sobre o discurso ideológico e, acreditava eu, apenas oportunista. Ledo engano.

Estavas certo, como de costume. Lunatismo é mesmo a principal característica desses quase dois anos de morticínio de nossa tradição diplomática. É,

amigo, estão matando o Barão pela segunda vez; agora, de vergonha.

Veja você, Rubens, por esses dias senti uma pontada nas costas, e das fortes. Bem na lombar, como comentávamos outro dia. Achei que fosse a hérnia. Mas era só o texto que lia no celular. Tratava de um “comunavírus”.

Pois é, nesses tempos de antipolítica externa, já ouvimos de tudo e já exigimos muito de nossas lombares. O nazismo é de esquerda, o coronavirus é uma invenção da mídia e os extraterrestres visitam a ONU. Céus!

Rubens, amigo, apareça mais. Tenho saudades de você e de nosso Itamaraty racional. Quero crer que ainda o teremos de volta. Afinal, a diplomacia é a arte do encontro, embora hoje haja tanto desencontro.

A você Rubens, e a todos que ainda têm fé na razão, saravá!

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

5 - O ANTI-BARÃO (SEMANA 05)

[Introdução PRA: *O Barão, como todos sabem, relutou em aceitar a chancelaria: ele não queria se meter na confusão da República, cuja primeira década tinha sido a mais destrambelhada possível. Ele só aceitou com carta branca do presiden-*

te para conduzir a sua política externa. O exato contrário do que ocorre hoje. A República voltou a ficar destrambelhada, num contexto em que o Itamaraty foi rebaixado a laboratório das piores alquimias olavistas.]

“Um diplomata não serve a um regime e sim ao seu país.” Nosso patrono defendia os interesses nacionais acima de tudo, e a soberania brasileira acima de todos. Ele próprio um Barão, monarquista, foi chanceler na República. Porque compreendeu que os interesses da pátria eram superiores às vicissitudes da política interna.

Lembro da frase do Barão para ponderar que nossa casa foi assaltada por pensamento contrário. Hoje, propaga-se a crença de que a diplomacia não é uma política de Estado, destinada a preservar os interesses nacionais permanentes, mas sim, uma política de governo, que muda conforme as orientações do presidente de turno. No caso, do psicopata de turno.

Ainda que o digno oponente do Barão, pelo igual peso intelectual, seja nosso Oliveira Lima, Ernesto parece disputar o posto de Anti-Barão. Não por contraposição intelectual, naturalmente, mas quiçá, pela destruição.

Ernesto está a destruir toda a nossa boa tradição diplomática, todo nosso prestígio no exterior. Hoje, nós, diplomatas brasileiros, somos vistos com desconfiança. Olham-nos ressabiados. Somos excluídos dos processos decisó-

rios. Acreditam-nos terraplanistas, negacionistas do clima, excludentes à migração. Destruidores da Amazônia. Um país sem soberania, que apenas reproduz posições de outros países. Um país que defende o interesse nacional alheio. Antiracionalistas. Não inspiramos confiança. Somos, por anti-científicos, epicentro de uma pandemia, e, por falta de amor próprio, o reprodutor de um protofascismo tosco, verdeamarelado.

O Anti-Barão parece querer terraplanar tudo que o Barão construiu e nos legou. E nós, observamos atônitos, seguindo instruções. Até quando?

Contra o Anti-Barão e contra a Destruição, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

6 - ALIENÁVEIS ALIENÍGENAS (SEMANA 06)

[Introdução PRA: Esta crônica é das mais estranhas, ao falar de body snatchers; confesso que não vi o filme; detesto o besteiro de Hollywood! Mas talvez ele tenha chegado até nós: uma invasão de alienígenas, diz o nosso cronista misterioso. Só pode ser isto: de outra forma como compreender o que está acontecendo agora com o Itamaraty?]

Preciso admitir que Ernesto estava certo. Sei que parece improvável, mas

peço vênia para pequena digressão que o haverá de convencer.

Imagine você, amigo leitor, um dia retornar, após breve viagem, à sua pequena e pacata cidade. Ao chegar, amigos alertam que coisas estranhas têm ocorrido. Relatam que algumas pessoas vêm agindo de forma estranha, como se não tivessem alma... Como se respondessem de forma conjunta, acéfala e coordenada a todas as situações, como se perdessem a individualidade e se tornassem zumbis; passivos e desumanos... É isso que acontece no filme “Invasion of the Body Snatchers”, que assisti no cinema, nos anos 70, e revistei essa semana, no original dos anos 50.

Ao longo da trama, o espectador acompanha o médico Miles, que descobre que seus conterrâneos estão sendo, pouco a pouco, substituídos por duplicatas alienígenas desprovidas de qualquer sentimento. A descoberta e a recusa de se unir ao pensamento único da colmeia extraterrestre faz com que seja perseguido e caçado pelas duplicatas acéfalas.

Peço perdão, caro leitor, por esta digressão, mas recomendo que você assista ao filme, pois, creio, o Itamaraty também foi invadido. Como já nos alertava nosso psicopata-chanceler quando palestrou para uma plateia de riobranquinos, os alienígenas estão entre nós!

Como Miles, vejo hoje um Itamaraty sem alma. E vejo colegas, que tanto prezava, comportarem-se como cópias inanimadas de si mesmos, reproduzindo uma doutrina totalizantemente

ideologizada, sem lastro em nossa boa tradição diplomática.

Vejo alguns colegas aderirem ao pensamento interplanetário-terraplanístico da colmeia ernestiana, vagando como zumbis acéfalos. Vejo também alguns bravos que, irridentos como o Dr. Miles, são perseguidos como se fossem eles os loucos. Ernesto estava certo, a invasão alienígena já começou.

Aos terráqueos que ainda não foram invadidos pelo pensamento alienígena, encareço, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

7 - NOBEL (SEMANA 07)

[Introdução PRA: *Este foi um dos momentos mais sórdidos da história do Itamaraty sob a ditadura militar. Eu estava no exterior, num longo autoexílio, mas soube pelo Le Monde, da campanha dos generais contra a possível atribuição de um Nobel da Paz ao pequeno bispo Dom Helder Câmara, de grande estatura na defesa de prisioneiros, de torturados, de desaparecidos na repressão da ditadura nos anos de chumbo. Os diplomatas tiveram de fazer campanha contra esse Prêmio Nobel. Atualmente eles escrevem aos jornais para*

contar maravilhas do presidente, ou seja, para mentir...]

Lembro-me da tristeza na frente de meu pai ao comentar o episódio. Morávamos ainda no Rio, e teve de fazer gestões junto aos países escandinavos para impedir que Dom Helder Câmara recebesse o Nobel da Paz. Senti que lhe doeu.

As gestões não foram bem-sucedidas, é verdade. Os governos nórdicos recusaram-se a interferir na escolha do prêmio. Mas em Brasília, com murros na mesa, os generais ameaçaram empresas escandinavas com proibição de remessa de lucros.

Meu pai nunca soube ao certo qual foi o grau de influência dessas pressões, mas Dom Helder não foi escolhido, e lembro-me bem de ouvir de Sízínio Nogueira, em um jantar, quando já me preparava para o vestibular do Itamaraty: "enquanto houver alguém na Fundação Nobel que se lembre do esforço do Brasil para não receber o prêmio, nenhum brasileiro será jamais agraciado". Assim tem sido.

Não entendia bem naquele tempo como podíamos ser patriotas e cristãos, ao mesmo tempo em que trabalhávamos contra um arcebispo de nossa pátria, conhecido por levantar a Palavra de Deus contra a tortura que sofreu o próprio Cristo.

Hoje, ao ver tremular bandeiras estrangeiras nas mãos de supostos patriotas, ao ver a imagem do Cristo acima

das cabeças dos que bradam por ditadura, ao ouvir o Nome de Deus proferido em vão por quem idolatra torturadores, e ao imaginar as instruções que poderemos vir a receber, lembro-me da tristeza no semblante de meu pai.

Por uma nação verdadeiramente patriota e Cristã, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

8 - SUSSURRAM OS CORREDORES (SEMANA 08)

[Introdução PRA: *Nosso cronista misterioso menciona outro lado negro do Itamaraty bolsolavista: o esvaziamento da antiga Assessoria de Imprensa. O Itamaraty não tem sequer porta-voz (para quê?). O que o nosso cronista talvez ignore é que o Itamaraty ELIMINOU completamente os dois clippings de notícias, nacionais e internacionais, sobre a diplomacia brasileira, sobre a política externa (que na verdade não existe), sobre a agenda internacional, deixando TODOS os diplomatas sem sequer uma notícia sobre a sua pátria. Não hesito em dizer: isso constitui um CRIME, a própria destruição da inteligência!]*

Dizia meu velho pai que em todas as casas as paredes têm ouvidos, mas que somente em nossa Casa os corredores têm bocas. E sussurram. Ontem mes-

mo ouvi alguns bulícios trazendo novas de nosso sitiado Ministério.

Os corredores mais críticos comentavam escandalizados que Ernesto e os seus terraplanaram a AIG, hoje representada por alcunha que me nego a transcrever, por simples rebeldia. Demitiram seu Diretor e convidaram porta afora os chefes e subchefes de suas divisões.

Já os passadiços do Palácio tributam tais críticas à plebe esquerdista dos corredores dos anexos. Dizem os palacianos: nossa AIG estava completamente infiltrada por traidores! Pérfidos globalistas! Aliados da mídia internacional comunista! Por que razão, afinal, o Brasil teria tão escorraçada imagem no exterior?

Corredores maledicentes boatarão que nosso glorioso chefe pretende instaurar um Ministério da Verdade! Ao que teremos os bons de defendê-lo, pois será apenas um Departamento de Propaganda!

A regeneração já começa a notar-se no horizonte! Nosso novo Goebbels já anuncia, mui sagazmente, o uso profilático que faremos de dois milhões de doses de hidroxicloroquina, generosamente doados pela América! Uso preventivo, porque não? Mal não haverá de fazer!

E nada poderia ser melhor para o novíssimo Departamento de Propaganda que admitir em nossa Casa mentes alheias ao Serviço Exterior Brasileiro. Um estrangeiro, para a glória de nosso

patriotismo invertebrado. E quem melhor que um preposto do Rasputin de Norfolk?

Ante os gritos de glória do palácio, a plebe dos anexos cala.

Haveremos apenas de sussurrar?

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

8BIS - BOLO DE LARANJA LIMA (SEMANA 08-BIS)

[Introdução PRA: Esta "crônica gastronômica" do nosso cronista misterioso, numerada 8bis, deve ter vindo por engano, de contrabando na dúzia de crônicas anti-olavistas. Melhor, faz uma pausa no sarcasmo, na indignação, na revolta contra o que vem servido como "prato feito" bolsolavista atualmente, no menu do Itamaraty. Eu costumo comparar nosso serviço exterior a uma pizza: a massa é sempre da melhor qualidade, nosso corpo profissional. Sobre ela os presidentes descarregam suas preferências: calabresa, portuguesa, aliche, etc. Atualmente, a massa é a mesma, mas sobre ela espalharam um horrível ketchup olavista intragável, nauseabundo...]

O bolo de fubá cremoso foi minha primeira paixão. A cada mordida, eu percebia que a vida era bela. A cada bala de coco, a cada quitute da Colombo, a cada

biscoito de nata, tornei-me mais esfericamente perfeito.

Convenhamos. Todo corpo celestial é esférico. No espaço, só há astros redondos. Eu nunca vi um planeta magro. Nós, gordos, temos essa semelhança com o divino.

Esta semana, vasculhando armários atrás de uma lata de leite condensado que pudesse aplacar minha fúria roliça ante tantas notícias, pensei em você, amigo leitor, também a buscar um quitute para saciar as ânsias. É nesse espírito que ofereço minha sabedoria rotunda e recomendo a beleza do bolo de laranja lima.

A doçura da laranja lima é infinitamente superior à laranja comum. Esconde a acidez e evita que se denuncie o quitute como um bolo de laranjas. Evita-se a indigestão. Evita-se a vulgaridade do excesso de açúcar, para mascarar o amargor de laranjas podres.

Ainda que um bolo de laranjas cariocas ordinárias mascare o contrabando excessivo de farinha de baixa qualidade, que pode gerar abundantes ganhas para os boleiros industriais, o bolo de laranja lima traz em si a beleza de manter o passado laranja maquilado. E traz no próprio nome uma lima que pode ser usada para escapulir de clausuras.

Pela laranja lima, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

9 - MEU CARO AMIGO (SEMANA 09)

[Introdução PRA: Nosso cronista misterioso não faz piada desta vez: ele fala que "é preciso restaurar a Racionalidade na política externa", contra "os arautos da destruição". É exatamente o que disse JMB, quando encontrou o pré-presidiário Steve Bannon, na embaixada do Brasil em Washington, em 2019, dizendo que havia muito a DESTRUIR no Brasil. É isso que os novos bárbaros estão fazendo: destruindo o Itamaraty. Vamos resistir!]

Meu caro amigo me perdoe, por favor, mas hoje eu acordei sem tempo para cuidar do vocabulário nem para corrigir as vírgulas. O tempo urge e o Brasil caminha pé ante pé para um fascismo sem precedentes, que destruirá não somente nossa Casa diplomática, mas também nosso país.

Meu caro amigo me perdoe, por favor, mas hoje eu acordei sem tempo para pensar em piadas, em versos alexandrinos e argúcias de raciocínio. O tempo urge e eu, que por este país tanto lutei, tanto trabalhei, me recuso a assistir inerte sua destruição. Tive a honra de ver um Brasil soberano respeitado entre as nações e não chegarei ao fim vendo todo o nosso patrimônio diplomático dilapidado e jogado aos porcos. Nem que seja como alma penada, ainda assistirei à restauração do brilho de nossa casa.

Como disseram amigos que sempre admirei, Celso e Rubens, junto com

outros democratas, como Aloysio, Lafer e Fernando Henrique, em recente carta que publicaram, é preciso restaurar a Racionalidade na política externa. Do contrário, os arautos da destruição nos levarão nosso gosto de viver.

Muito como os alemães que se depararam com a ascensão do partido nazista (escrito aqui com letras minúsculas para reforçar sua pequenez) no início da década de 1930, temos ainda uma chance de salvar a Democracia Brasileira. Resta saber o que faremos para salvar nosso País da destruição. A ataraxia estoica que nos é tão característica já não basta.

Em nome de um Brasil soberano, democratas, reajam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

10 - AOS FATOS (SEMANA 10)

[Introdução PRA: O pior ministro da "deseducassão" brasileira, desde antes de José de Anchieta, fugiu vergonhosamente do Brasil para os EUA, fraudando a sua entrada com passaporte e visto diplomáticos, numa EVIDENTE MENTIRA, sob qualquer critério que se possa pensar. Contou com a conivência do embaixador trumpista, pois o que existe não são relações normais, de Estado a Estado, e sim conivências espúrias entre aderentes a um

mesmo projeto de subserviência a duas "almas gêmeas".]

Vamos aos fatos. Esta semana vi-me assoberbado pelos fatos. Esses estranhos substantivos que evocam uma realidade que, invariavelmente, negam. Os fatos são apenas fragmentos da verdade, como queria Drummond. Tascos de uma verdade reluzente; almejada, mas dificilmente alcançada.

Os fatos desta semana são, não obstante, os mais próximos que vi nos últimos meses da realidade. São inegáveis. São a chancelaria de Ernesto, por mais que me doa atribuir a alcunha de chancelaria para os desmandos que vivenciamos.

É fato que, nos Estados Unidos da América, encontra-se em vigor restrição sanitária para a entrada de indivíduos que tenham estado no Brasil. Salvo exceções, qualquer indivíduo que tenha estado no Brasil deverá cumprir “quarentena” (por falta de melhor palavra) de quatorze dias em outra localidade antes de adentrar as terras de Trump. Atenção, amigo leitor, para o “salvo exceções”.

É fato também que o mais ignóbil ministro da educação deste país, o odioso Weintraub, foi defenestrado da cadeira de Capanema na sexta-feira, dia 19. Fugindo (para utilizarmos o termo correto) para os EUA no sábado dia 20, utilizando passaporte diplomático para enquadrar-se no “salvo exceções” das restrições de Trump.

Contudo, é fato também que o Diário Oficial da União (DOU), nesta segunda-feira, dia 23, publicou um decreto retificando a data da demissão do Sr Abraham Weintraub. Corrigindo-a do dia 20 para o dia 19 de junho. A mudança, é saboroso dizer, torna fraudulenta a fuga do Gene Kelly da destruição.

Esses são os fatos. Não sabemos, de fato, a profundidade do envolvimento de nossa casa nessa lamentável trama. Não deixa de ser vergonhoso, porém, que a casa de Aracy Guimarães Rosa e de Souza Dantas, que honrosamente salvaram tantos dos horrores do Nazismo (que foi um movimento de extrema-direita, devo ressaltar), agora ajude na fuga daqueles que atentam contra a democracia.

Pelos fatos, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

11 - KEJSERENS NYE KLÆDER (SEMANA 11)

[Introdução PRA: O conto de Andersen é bem conhecido, mas não serve só para crianças. Quando cheguei na Europa, em 1970, para um longo exílio de sete anos, o belga Pierre Rickman, sob o nom de plume de Simon Leys, tinha acabado de publicar Les Habits Neufs du Président Mao, um desmantelamento exemplar da falcatrua da Revolução Cultural na China, até então

muito incensada pelos "intelequituais". Atualmente o Itamaraty está submetido a uma "revolução cultural", mas da mediocridade. Nosso cronista acaba de denunciar a mesma falcatrua: alguém está completamente nu...]

Em 1837, o dinamarquês Hans Christian Andersen publicou *Kejserens nye Klæder*, em bom português, *A Roupas Nova do Rei*. No conto, um tratante se muda para pequeno reino e decide se passar por um famoso alfaiate. Hábil manipulador, espalha a notícia que inventou uma forma de tecer vestes mágicas que apenas os inteligentes e sábios conseguem ver!

O rei, muito vaidoso, ao saber dos supostos dons do famoso xastre, nomeia o malandro para alfaiate real e pede que teça seu novo manto. Para tanto, o malandro solicita baús cheios de riquezas, sedas chinesas e linhas de ouro, que serviriam para a confecção. Passa então meses a abusar dos divertimentos carnis do reino, sempre às custas do rei.

Acontece que, certo dia, o rei, cansado de esperar, chama seus ministros e vai ter com o alfaiate. Conhecendo a vaidade do rei, o malandro mostra um manequim sem vestimenta, apresentando, assim, as supostas vestes mágicas. O rei, sem nada ver, mas não querendo ser provado burro na frente de seus ministros, brada: "Que lindas vestes! Fizeste um trabalho magnífico!".

Os ministros adutores, sem pestanejar, brindam também à beleza das

vestes inexistentes. E o mais sábio, para se insinuar, chama atenta para a precisão da costura. Mesmo sábio que sugere festividades para apresentar as novas vestes. Proposta imediatamente aceita pelo vaidoso monarca.

Fora do palácio, na cerimônia de exibição das "novas vestes", uma criança tão sincera quanto plebeia grita: "O Rei está nu!". Rapidamente a plebe se une ao coro de gritos, risadas e escárnios. O rei, negando-se a admitir que foi estafado, insulta a todos de ignorantes e tenta condená-los a masmorras.

Sim, foi uma longa digressão, mas a esta altura, o amigo-leitor já conhece este humilde servo de Rio Branco e já perdoa minhas manias. O amigo-leitor também já reconhece quem é o rei asno do Itamaraty, seus sicofantas e a plebe, a gargalhar.

Pelo retorno de um rei com roupas, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

12 - A ERA DO RÁDIO (SEMANA 12)

[Introdução PRA: Nesta 12a. crônica, nosso cronista misterioso deixa o Itamaraty de lado, e ataca de Caetano, contra os "podres poderes", o que vale provavelmente para vários níveis, estratos, categorias, instâncias, da desgovernança atual, o

processo de desmantelamento das instituições republicanas, mas com uma incidência maior em certos focos específicos, que todos sabemos quais são, onde exercem os seus "podres poderes" aqueles que já foram chamados de aloprados.]

Tenho um televisor moderno e ando abusando de canais de notícias e de filmes antigos. Mas eu sou mesmo do tempo do rádio. "Um piano ao cair da Tarde", da Eldorado. O clássico da Bandeirantes, "Os brotos Comandam", pois afinal eu era jovem. O "Repórter Esso". Foram longas horas entre as novidades, os clássicos, as notícias e tantas outras vozes que povoavam o imaginário daquela época e que ainda me aquecem a alma.

Em minha nostalgia, resolvi sintonizar alguma estação. "Enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes. Somos uns boçais".

Era Caetano. "Queria querer gritar setecentas mil vezes como são lindos, como são lindos os burgueses e os japoneses, mas tudo é muito mais!"

Meu corpo aqueceu-se. "Será que nunca faremos senão confirmar a incompetência da América católica, que sempre precisará de ridículos tiranos? Será, será que será que será que será, será que essa minha estúpida retórica terá que soar, terá que se ouvir por mais zil anos?"

A essa altura, meus dedos batucavam acompanhando Caetano: "Enquanto os homens exercem seus podres poderes, Índios e padres e bichas, negros e mulheres e adolescentes fazem o carnaval! Queria querer cantar afinado com Ellis! Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase! Ser indecente! Mas tudo é muito mau! Ou então cada paisano e cada capataz, com sua burrice fará jorrar sangue demais nos pantanais, nas cidades, caatingas e nos Gerais?"

Arrepiado, escutei até o fim. "Será que apenas os hermetismos pascoais, os tons, os mil tons, seus sons e seus dons geniais, nos salvam, nos salvarão dessas trevas e nada mais? Enquanto os homens exercem seus podres poderes, morrer e matar de fome, de raiva e de sede são tantas vezes gestos naturais! Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo, daqueles que velam pela alegria do mundo. Indo mais fundo, Tins e Bens e tais!"

Contra os homens e seus podres poderes, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

13 - ERA UMA VEZ NA ARÁBIA UM HOMEM CHAMADO ABU (SEMANA 13 - PARTE 01)

[Introdução PRA: Esta crônica adentra na cozinha interna do Itamaraty.

Normalmente, a cozinha fica a cargo do Secretário Geral, que no Império se chamava Oficial Maior, mas, neste nosso caso, ele não é nem maior, nem menor; é apenas silencioso.]

O colega leitor já deve imaginar que não se incutiu em mim um forte pendor virtual. Até mesmo o WhatsApp, por que tanto apreço tenho, é-me cansativo, pela velocidade angustiante em que circula.

Assim, conto sempre com o auxílio paciente de colegas mais modernos para ficar a par de tudo que se passa. E que surpresa não foi quando um desses colegas apresentou-me às ortográfica e gramaticalmente aviltantes mensagens digitais de um ABU V, suposto diplomata.

Imbuídas de atípica deselegância, as mensagens são ataques a governistas (especialmente ao vizir do chanceler) que, supostamente, seriam opositores infiltrados, agentes de PT e PSDB e, invariavelmente, traidores - em suma, todos aqueles que não rezam pelo credo do bolso-olavismo ortodoxo, como diria o Paulo Roberto. Apesar da virulência odiosa, intrigou-me ABU.

Eu sei, não me critique. São ignóbeis os textos. Atração mórbida pelo feio, Tâ nato, chame como quiser. Fato é que me intrigaram as asneiras de ABU.

Sinto, leitor, e peço perdão a seus olhos já tão fustigados pelas notícias diárias, mas analisarei, com método, a loucura de ABU. Prometo ser breve, contudo, como dizia o simpático Guillotin.

Serão cérebros a menos, mas com “uma rápida sensação de frescor”.

Para perdermos tempo juntos, acompanhem.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

14 - ABU V, O HETERÔNIMO (SEMANA 14 - PARTE 02)

[Introdução PRA: Continua a cozinha interna do Itamaraty, que não interessa muito aos “paisanos”, mas que despertou imenso interesse na própria Santa Casa, que não merecia passar por tais constrangimentos e acusações, que inclusive redundaram numa penosa judicialização de todo o affaire.]

Como prometido, ou melhor, alertado. Início minha deambulação despreziosa, não obstante analítica, sobre nosso suposto colega ABU V. Reitero, assim, meu pedido de perdão por mais esta digressão. A ver:

Ao preparar-me para esta análise, historiador diletante que sou, busquei em livros, enciclopédias e compêndios referências que apontassem para monarcas islamitas que carregassem o nome ABU em seus títulos. E pasme, amigo leitor, encontrei justamente quatro.

O primeiro de que encontrei registro, foi Abu Bakr Abdullah Ibn Uthman, um dos sogros do profeta e o primeiro Califa a sucedê-lo, em 632 d.c. Obviamente, a obsessão do chefe com seu ex-sogro ilustre não me passou despercebida, mas careço ainda de sinais enfáticos de que não é mera coincidência.

O segundo, Abu Bakr II, nono Mansa do Império Islâmico do Mali (1230-1670), é pouco conhecido. Sabe-se, porém, que desapareceu em navegação atlântica, na qual buscava a borda do oceano da terra plana. Este detalhe, é necessário admitir, atçou minha verve conspiratória e me fez questionar a aleatoriedade do nome.

O terceiro, Abu Bakr Ibn Abd al-Munan, emir de Harar, cidade-estado muçulmana, reinou entre 1829-1852 e destacou-se em nossa análise por ter sido manipulado por um ardiloso e inescrupuloso vizir que atuava como líder de facto. Seria a história do terceiro Abu referência velada às acusações feitas pelo quinto Abu ao poderoso chefe de gabinete?

Por fim, o quarto monarca árabe com quem me deparei foi Abu Bakr al-Baghdadi, fundador e Califa do movimento Estado Islâmico do Iraque e do Levante. Morto em 2019, é também simbólico que este antecessor tenha sido o líder de um movimento reacionário de combate aos valores do liberalismo ocidental, buscando uma reconexão com um conservadorismo utópico e arcaizante.

Ainda que na chave cristã, ABU V parece buscar referências no histórico de nossa atuação diplomática recente. Resta saber se se trata de estratégia cômica para encobrir suas críticas, de mera coincidência ou de real inspiração nos Abus que o antecederam.

Para mais elocubrações infundadas, aguardem.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

15 - O ESTRANHO CASO DE ABU (SEMANA 15 - PARTE 03)

[Introdução PRA: Esta crônica dá continuidade ao mais rumoroso affair da história recente do Itamaraty. Cabe esclarecer ao público de fora da corporação que CAE se refere ao Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, pelo qual todos os conselheiros precisam submeter uma tese (ou dissertação) se desejarem ser promovidos.]

Já que navegamos pacificamente rumo ao abismo da terra plana, falemos de insignificâncias, Abu. Creio ter tido verdadeira revelação divina ao regar, hoje pela manhã, minha pequena jabuticabeira. Vejo que já estou me adaptando a esses trejeitos antirracionalistas da Nova Idade Média. Justo no instante em que a água flui do regador, e a mente se esvazia, tive a iluminação: trata-se Abu

de espírito recalçado e com orgulho ferido.

O paladino do Levante ataca Pedro não pelo hábito, mas porque foi reprovado em sua tese de CAE. Como sabemos todos, a banca deste ano reprovou um sem número de trabalhos. Muitos por serem globalistas, suponho. Outros muitos por serem ruins. Entre estes, o de Abu. Não tenho provas do que digo. Mas tenho convicção, que é o que importa na nossa escola Olavista.

Abu ataca o vizir da Montblanc verde por puro recalque, vejam vocês. Acusa-o de favorecer esquerdistas apenas para justificar seu próprio tropeço na banca de CAE. Que injustiça seria, em se tratando de tese tão bem esculpida na extrema direita.

Fato é que, após algum alarde, Abu travestiu-se de “Sentinela do Planalto”, calou sua homofobia e sumiu sem deixar vestígio. Talvez tenha ido proferir seus impropérios em outras estâncias. Talvez tenha sido expulso da comunicação social. Isso a jabuticabeira não me revelou.

Aqui jaz Abu que, ingênuo, tentou destronar Dulcineia.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

16 - A JORNADA DO HERÓI (SEMANA 16)

[Introdução PRA: Nosso cronista, sem revelar sua identidade, desvenda aqui o painel de uma geração, quando tínhamos, no Itamaraty, um perfeito retrato da sociedade brasileira, dividida nas suas tribos habituais: diplomatas perfeitamente enquadrados no mainstream da época, nacionalistas, entreguistas, comunistas, marxistas light, poetas, prosadores, românticos e alguns faunos eventuais, que pelo menos tinham verve e savoir faire. Hoje a coisa anda um pouco dura: querem nos demarxistizar (comigo não vai funcionar), nos despetizar, nos desnacionalizar, com esse entreguismo sabujo ao chefe medíocre, mas temporário, do império. Querem acabar com a nossa diversidade genética, e transformar todos nós em robôs obedientes dos idiotas do antiglobalismo. Não vão conseguir.]

Meu saudoso Rubem Alves, de quem fui um dia discípulo, disse certa vez que a vida se compõe assim: fragmentos que arranjamos em torno de um tema. Este tema se apossa de nosso corpo (pode ser uma melodia, uma imagem, um toque), e as variações vão se repetindo, sempre iguais, sempre diferentes. Às vezes, o “script” é trágico. Mas ficamos fiéis a ele, por ser belo. Não é isto que nos faz continuar a ouvir a música que nos corta a alma, a continuar a leitura do livro que nos dilacera? A dor pode ser bela.

Retomo as palavras de Rubem para trazer a tragédia de um nobre herdeiro de Rio Branco. Embora seja trágico seu “script”, é meu dever de ombudsman cantá-lo com beleza, pois é a jornada de um verdadeiro herói. Um dos poucos que tive a honra de conhecer, não pelos livros, mas pela vida. José Jobim, para sempre embaixador desta Casa, por mais que ainda se tente obscurecer sua memória. Quem sabe uma chefia com caráter ainda lembrará seu nome em uma placa, como Vinicius e Maria Rebello.

Jobim era peito ilustre brasileiro, sem arroubos de grandeza e com grande honradez. Serviu à Casa com moralidade, respeito pela coisa pública, honestidade e capacidade técnica (características de um comunista irridento, para os padrões asno-lunáticos atuais). Conservador progressista, um desses paradoxos sublimemente lógicos que só a casa de Rio Branco oferece, tinha consciência das insígnias que carregava.

Não chegamos a ser próximos, mas o conheci pessoalmente quando iniciava minha carreira no exterior. Aprendi muito sobre a Argélia e o Vaticano. Sobre os resultados do armistício de Evian e sobre o progressista Papa Paulo VI. Escutei histórias saborosas sobre seu trabalho com Raul Bopp na edição do mesário “Correio da Ásia”, redigido, em português, a partir do Japão. Conheci sua esposa, Lígia Collor Jobim, filha de Lindolfo Collor, o ex-ministro varguista, e seus filhos. Lembro de apreciar a leitura de seu livro “Hitler e seus comediantes”, de

1934, que ainda mantenho em minha estante.

Este herói, que como muitos, não desejava ser um herói, senão um homem honrado e vivo, foi arrastado para sua jornada por desejar respeitar seus princípios. Como bem relatou nosso colega Gustavo Pacheco, em 15 de março de 1979, nosso nobre e já aposentado herói esteve na posse de João Batista Figueiredo e do chanceler Ramiro Saraiva Guerreiro, seu amigo. Durante a cerimônia, aqui sigo as palavras de Pacheco, “comentou com alguns amigos que estava escrevendo suas memórias, que incluiriam denúncias de superfaturamento na construção de Itaipu, comprovadas por extensa documentação, guardada em uma mala xadrez azul e branca, que ficava trancada em seu quarto. Um desses amigos, o senador Gilberto Marinho, chamou Jobim num canto e pediu que ele por favor parasse de falar no assunto, porque as pessoas que ia denunciar estavam presentes ali, na recepção.”

Cerca de uma semana depois, Jobim desapareceria. Em 24 de março, foi encontrado morto no Rio. Sequer fazíamos ideia da causa. Ouvíamos sempre as histórias de tortura e execuções políticas praticadas no Brasil, e nos calávamos, cada qual à sua maneira. Mas não imaginávamos que um colega - tanto mais um embaixador respeitado - pudesse ser vítima da repressão. Hoje conhecemos a Verdade, pela busca de sua filha Lygia. Por tentar denunciar a corrupção na construção de Itaipu, o em-

baixador José Jobim foi assassinado pelo regime militar.

Pela memória de um herói.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

17 - RUMO À IDADE MÉDIA (SEMANA 17)

[Introdução PRA: Eu não tenho certeza se o personagem principal destas crônicas desabusadas é um templário legítimo, um cruzadista de araque, ou se ele apenas finge ser um membro dessa malta brancaleônica que partiu, de lança em riste, à conquista da Terra Santa, mas que nunca conseguiu sair dos cenários de Cinecittà, seguindo o roteiro bem traçado por Mario Monicelli. Não vou tentar descobrir, pois qualquer exegese dos livros santos requer uma expertise especializada que eu, um perfeito irreligioso, confesso não possuir, e nem pretendo me aventurar pelos caminhos de Deus (ou do Diabo).]

Por vezes me pergunto se, em seu delírio, Ernesto acredita ser Santo Agostinho, como o Quincas. Ou São Sebastião, que, se bem me lembro, acabou com a soberania de Portugal, e que nosso chefe reverenciou em sua posseção. Ou Santo Hilário, pois, afinal, a gargalhada é nosso último apupo. Fato é que o senhor ministro parece imbuído de missão divina, como quem busca salvar uma combalida civilização.

E dizem que ele conversa com as paredes, como eu. Mas que, em lugar de receber respostas desaforadas, ouve a voz de Deus. Sim, de Deus. E, talvez, esta suposta voz divina diga-lhe que, hoje, seu verdadeiro Vicário é Pio Trump; não o Papa, como creio eu, por dever cristão. Assim, seguimos, como bons fiéis, a Palavra de Trump, e combatemos o mal estar da civilização gestado pelos comunistas, pelo Papa e pelo Guterres.

Deve ser mesmo um sábio iluminado, cumprindo sua cruzada divina. Rara avis in terris. Ou seria a voz divina que houve Ernesto um diabrete a passar-se por Deus? Ou seria ainda nosso líder um falso profeta, como em Mateus 7:22-23, a dizer asneiras em nome do divino?

Há pouco tempo, acreditava eu que retrocederíamos algumas décadas com esse desgoverno, apagando nosso capital diplomático em temas como meio ambiente, direitos humanos e desenvolvimento.

Hoje vejo que retrocedemos em séculos. Os templários contemporâneos estão defendendo um governo centrado na figura do líder; atacando a separação de Poderes; criticando o racionalismo, a ciência e até o Iluminismo - que veem como espécie de “comunismo avant la lettre”. E, como não poderia faltar, estão nos ensinando que a Terra é plana!

Se seguirmos nesse passo, não nos bastará um chefe são. Precisaremos de um novo movimento das Luzes.

Pelo Iluminismo, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

18 - PATRIOTAS? (SEMANA 18)

[Introdução PRA: Samuel Johnson dizia, no meio de suas tribulações com a língua inglesa, que o patriotismo é o último refúgio dos canalhas (patriotism is the last refuge of a scoundrel). Não tenho certeza de que seja o último, mas é certamente muito utilizado por trapaceiros, embusteiros, demagogos e, no nosso caso, de alguns grandes fraudadores dessa assertiva do dicionarista do século XVIII, que não contentes de transparecer um falso patriotismo, não exibem nenhum pejo de se dobrar às vontades de um tiranete estrangeiro. São canalhas? Não tenho certeza. Talvez coisa pior.]

Alguém me explique esse patriotismo de quinta categoria. Hoje se enfia pátria para cá, pátria para lá, pátria acolá. E, ao mesmo tempo, bate-se continência para a bandeira de outro país. E flumula-se o símbolo de outros Estados em manifestações públicas. E se segue em tudo os desejos de outro país, como se a nossa grande pátria não tivesse vontade própria. Estamos fazendo nacionalismo para americano ver.

Esta semana vimos, abobalhados, um vídeo do início de 2019 no qual

o “Excelentíssimo” (atenção às aspas) Senhor Presidente da República afirma que gostaria muito de explorar a Amazônia junto com os Estados Unidos. A nossa reação é a mesma de Al Gore no vídeo: incompreensão e incredulidade

E qual não é a revolta de um velho ouvir isso? Um servidor que tanto trabalhou pela soberania da pátria e que tanto se empenhou para proteger nossas riquezas, sempre cobiçadas por potências estrangeiras. E que patriotismo é esse que dilapida o patrimônio da pátria?

Imagine, atento leitor, o que seria se outro infame governante batesse continência, em público, para a bandeira de, digamos, Cuba? Seria uma comoção nacional. Uma balbúrdia de copa do mundo.

A propósito, Sr. Presidente, por que Michelle recebeu R\$ 89 mil de Queiroz e esposa? Ou, em inglês, para melhor compreensão dos patriotas: *Mr. President, why did your wife Michelle receive R\$ 89,000.00 from Queiroz and his wife?*

Pelo resgate do verdadeiro patriotismo nacional, comovam-se.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

19 - OS LEITÕES DE NIEMÖELLER (SEMANA 19)

[Introdução PRA: A fábula dos três porquinhos foi muito popular na infância de todos nós, em desenhos animados, no teatro para crianças, nas estórias ao pé da cama. Tão popular que teve até versões politicamente corretas nos Estados Unidos, a pátria de todo esse besteiro que se espalha insidiosamente pelo mundo, a partir de sua matriz na terra do Walt Disney e de Walter Lantz: agora ficou proibido o lobo comer a vovozinha ou contar aquelas coisas atrozadas que aconteciam com as heroínas de nossa inocente infância. Antigamente, a direita estúpida também contava que os comunistas comiam crianças; agora essa mesma direita estúpida pretende comer os comunistas, mas temo que a digestão não seja fácil: eles estão criando novos comunistas, por insistir em agitar essas bandeiras vermelhas no horizonte de nossas possibilidades futuras, quando já pensávamos que essas utopias já tinham ficado no século XX. Hoje em dia, nem o PCdoB pretende transformar o Brasil em país comunista: eles só querem extorquir os capitalistas para poder comprar a última versão do iPhone.]

Pode ser a senilidade batendo à porta, mas nunca lembro como viemos parar aqui. O amigo perdoará, que, afinal, a lucidez anda algo cabisbaixa no Brasil de 2020. As velhas estórias, de meninice, por sua vez, andam sempre frescas na memória. Também pudera, tantas vezes foram repetidas. Uma delas fez-me refletir sobre nosso atual desestado

(sic) das coisas: Os Três Porquinhos, consagrada em 1890, na coletânea de folclore inglês do australiano Joseph Jacobs. No conto, os três irmãos suínos, Cícero, Heitor e Prático, deparam-se com dilema de descaso e precaução, ao construírem suas moradas.

Cícero, preguiçoso e cultor do descaso, optou por uma choupana de palha. Era fácil de erguer, e não acreditava que pudesse correr algum perigo. Heitor, sabendo que o frio do inverno penetraria a palha fina, foi um pouco mais prudente e construiu um chalé de madeira. Já Prático, velho sabido, insistiu em sólidos pilares fundacionais. Investiu seu tempo para construir uma casa de tijolos e cimento. Não faltaram troças de Cícero e Heitor ao irmão neurótico, mas prático sabia que o perigo poderia vir.

Estava certo. Em pouco tempo, o lobo veio. Primeiro, na casa de Cícero, que se escondeu, tremendo, mas, com uma só bufada, o lobo soprou toda a palha da choupana. Cícero então correu a se esconder no chalé de madeira de Heitor, que confiava em sua estrutura de madeira. Mas bastaram duas boas bufadas do algoz para que todas as tábuas se despedaçassem. Desesperados, Cícero e Heitor correram para a casa do irmão precavido que, com certa dose de “eu avisei”, recebeu-os em sua casa de sólidas pilastras.

Novamente, o lobo veio. Bufou, bufou, bufou, mas não conseguiu trazer a casa a baixo. Segundo a estória, o lobo ainda teria tentado adentrar a fortaleza

suína por duas vezes. Uma com disfarce de cordeiro e a outra pela chaminé, mas acabou com o rabo queimado em uma panela de água fervente, que prático fez borbulhar. O lobo mau, então, fugiu assustado e nunca mais voltou.

Por esses dias, ao ler mais um disparate deste ministro ou daquele presidente, já não sei ao certo, pensei que, diante do mal do bolso-olavismo, eu mesmo fui Cícero. Sequer imaginei que um pensamento tão fraco e desconexo pudesse chegar perto de nossa Casa. Quando me dei conta que esses ventos sim sopravam por aqui, fui Heitor. Não podia acreditar que ameaçariam a nós, que tanto nos gabamos de nossa inteligência. Ao fim, talvez estejamos a repetir a estória dos porquinhos, mas com um toque de Martin Niemöller, já que nunca acreditamos que viriam por nós.

O que não consigo lembrar exatamente é como pudemos, Práticos que somos, permitir a entrada desse mal em nossa sólida Casa, construída sobre firmes alicerces de tradição e pragmatismo. Fiquei perdido na história e não sei como o lobo entrou. Ele já destruiu toda a Casa? Ou será que lhe abriram a porta da frente?

Para que não viremos pururuca, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

20 - RECEITA CONTRA O GLOBALISMO (SEMANA 20)

[Introdução PRA: O globalismo é o fetiche dos idiotas olavistas, que recuperaram esse seu fantasma preferencial daquela fração de aloprados americanos da altright, que o embaixador Ricupero chama de lunatic fringe, a franja lunática, que se tornou tão abundante em nosso país jabuticabal quanto na pátria por excelência dos antiglobalistas. O antiglobalismo num diplomata é assim como a quadratura do círculo, ou seja, algo praticamente impossível, a menos que o sujeito seja um doido de pedra. Diplomatas são globalistas naturais, e isso bem antes de Rui Barbosa, que construiu boa parte das bases conceituais da diplomacia brasileira (a de boa qualidade), e que defendia, com fervor, a igualdade soberana das nações, coisa que os antiglobalistas do patropi nem cuidam de cuidar, preferindo submeter nossa pátria amada, tão distraída, a tenebrosas transações com os seus adorados imperialistas. Bando de entreguistas!]

Sei que falo muito de comida, mas esse é um mal dos gordos, e muitos colegas me entenderão. Vivemos tempos ameaçadores e a espada de Dâmocles globalista pode ceder a qualquer momento sobre nossas cabeças. Precisamos defender a todo custo nosso campo de batatas!

Por isso, busquei uma receita que vou compartilhar com os poucos desocupados que ainda me leem. Primeiro, precisamos de uma boa dose de burrice.

Mentes alertas não combinam com nossa conspiração. Misture a burrice com 4 ovos e bata bem, até formar uma clara cor de pele. Leve ao fogo médio.

Enquanto isso, pegue um quilo e meio de massa de crença cega, dessas que te fazem acreditar que máscara faz mal para a saúde, que termômetro frita o cérebro e que covid é invenção chinesa para vender 5G. Acrescente quatro xícaras de leite - entendedores entenderão, como diria o blogueiro - e quatro ovos de galinha de Glicério. Reserve.

Em uma tigela grande, junte um pouco de paranoia com algumas aulas do Olavo. A propósito, um anti-globalista de verdade deve ler alguns textos do Rasputin brasileiro. Pode ser daquele livro mais famoso; alguma coisa sobre ser um idiota, parece. Não leia o livro inteiro, porque é só um monte de palavra escrita. E não temos o mês inteiro, afinal. Corra que o globalismo vem aí!

Pegue a burrice que está fervendo no fogo e acrescente a esse caldo de olavismo. Misture bem. Quando formar um creme uniforme, misture à massa de cegueira. Como fermento, use intolerância mesmo, que está sobrando. Polvilhe um pouco de fascismo e leve ao forno por uma hora.

Pronto. Você terá a sua razão de anti-globalismo para consumir com sua dose diária de fake news. Ou de vídeos da FUNAG - desses recentes claro, não assista aos velhos, senão amarga.

Contra o globalismo, cozinhem.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

21 - O IG NOBEL (SEMANA 21)

[Introdução PRA: Os prêmios IgNobel, assim como os Darwin Awards, consagram a inutilidade, a inépcia, a irrelevância, mas que ainda assim podem custar preciosos recursos públicos. Os agraciados com o Darwin, contudo, não conseguem recebê-lo, pois que geralmente perecem nos seus estúpidos empreendimentos e aventuras. Nosso amado líder, que o cronista misterioso chama de “líder maior”, encomendou trocentas mil pílulas de cloroquina às gloriosas FFAA, que correram afanosamente a satisfazer a sapiência médica e sanitária do chefe supremo. Alguém poderia encomendar uma auditoria ao TCU, e depois mandar a conta ao troglodita que gastou o dinheiro do povo com uma droga rigorosamente inútil? Além de inútil, perigosa, pois que podendo custar a vida do infeliz que seguiu o conselho do degenerado. Deveria merecer um outro tipo de prêmio, mas ainda não atinei qual...]

A Ema quando canta traz um bocado de azar. Como falássemos há poucas semanas de Nobel, nosso Odorico foi agraciado com uma dessas láureas. Com prefixo, no entanto, ig. Não minto, que

sou homem honrado. Nosso líder maior recebeu sim o prêmio Ig Nobel.

A Ema, quiçá ofendida pelas provocações de um desbocado e seu caixote de cloroquina, parece ter-se vingado. O Ig Nobel é prêmio satírico oferecido por comissão de cientistas de Harvard e do MIT para aqueles que se destacam por sua inutilidade nos campos das ciências, da paz, das artes e da gestão pública.

O Messias que não faz milagre compartilhou o prêmio de “educação médica” com outros gênios da raça: Boris, Narendra, Lukashenko (bi-campeão), Recep, Vladimir, Gurbanguly e, não poderia faltar, Donald. Estes paquidermes do pensamento, quiçá também dignos de um Darwin Awards, receberam a ignóbil honraria no âmbito da tragédia pandêmica do COVID-19, por serem prova viva de que políticos podem ter efeito mais imediato na vida e na morte do que cientistas e médicos.

Eis o reconhecimento e o prestígio internacional de que o Brasil necessitava! Nosso soez chefe prova ao mundo que ignorância é força. Se já morreram uns 30 mil, digo, uns 130 mil, e daí?

Reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

22 - O DISCURSO (SEMANA 22)

[Introdução PRA: O sogro do chanceler accidental, que já fez duas ou três edições dos discursos anuais de abertura dos debates na Assembleia Geral da ONU, poderia ser chamado para completar sua obra, incorporando as inacreditáveis peças de 2019 e 2020. O problema é que ele sempre faz uma introdução resumindo o sentido da mensagem do Brasil ao mundo. Teria ele coragem de atualizar sua grande obra de referência?]

Ladies and the gentleman, let's put the aside the howevers and go straight to the endsly, I am here to kill the snake and show the stick, because with me, is bread - bread, cheese - cheese! Esse foi o discurso que Odorico Paraguaçu, personagem principal da inigualável sátira política O Bem-Amado, do igualmente inigualável Dias Gomes, proferiu nas escadas das Nações Unidas, em 1973.

O mestre alagoano, Paulo Gracindo, que interpretava Odorico, brindou-nos com esse macarrônico discurso, como piada e crítica aos políticos lamentáveis que abundavam no cenário brasileiro. Quase cinquenta anos depois, ao ver a pataquada que nosso Excelentíssimo fez na última Assembleia Geral das Nações Unidas, penso que preferia ter Odorico de volta a proferir seu discurso, pois seria mais honroso.

Além de Odorico, lembrou-me o discurso, por alguma razão, de outra obra

brasileira de 1973, a canção “Mentira”, de Marcos Valle. Quando o Excelentíssimo diz que “o Brasil está comprometido com os princípios basilares da Carta das Nações Unidas: paz e segurança internacional, cooperação entre as nações, respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais de todos”, ouço apenas o refrão: Mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -ira, tchup tchu, É mentira...

“Nossa floresta é úmida e não permite a propagação do fogo”, Mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -ira, tchup tchu, É mentira... “Os incêndios acontecem, praticamente, nos mesmos lugares, no entorno leste da Floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”, Mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -ira, tchup tchu, É mentira...

“Mantenho minha política de tolerância zero com o crime ambiental”, mas é mentira, tchup tchu, É mentira, -ira, tchup tchu, É mentira... “O Brasil saúda também o Plano de Paz e Prosperidade lançado pelo Presidente Donald Trump...” Opa! Aqui não é mentira, é apenas um lambe-botas fazendo sua deferência.

Por menos mentira, tchup, tchu.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

23 - AS CINZAS DE POMPEIA (SEMANA 23)

[Introdução PRA: Nossa Pompeia é a fronteira com a Venezuela, que o chanceler accidental queria ultrapassar para atender às aventuras eleitoreiras de um outro chefe, o do seu amigo, o tal de Bolton, que aguentou enquanto pode, depois foi defenestrado e ficou magoado. Até agora não conseguiram violar a Constituição em toda a extensão do Artigo 4, aquele que fala da não intervenção nos assuntos internos dos outros Estados.]

Tenho cá para mim que Pompeia padeceu por descuido. Sei que vulcões explodem muito raramente e que é próprio do ser humano não acreditar que será surpreendido, justo em sua geração, por uma daquelas erupções cataclísmicas que, de tempos em tempos, a História registra em suas páginas. Mas ninguém vai me convencer de que precisava fazer mais uma cidade ao pé do Vesúvio. Havia um tom de ingenuidade nesses pompenienses.

Refletindo sobre a visita “surpresa” que outro dia nos fez o Secretário de Estado, bem longe da capital e bem perto de outro famoso monte, sinto cheiro de cinzas. Pode ser que seja apenas um faro corrompido por cortinas de fumaça, mas nada me demove de que há muita ingenuidade em nosso cruzado anti-barão. Claro que ele pode ter apenas aproveitado a oportunidade para demonstrar sua fidelidade. Pode ainda, fiel escudeiro, ter dado sua contribuição à campanha elei-

toral de seu ídolo. Pode, até mesmo, ter apenas acolhido, com todo seu humanismo – ou humanitismo, que lhe convém mais – os que buscam refúgio em nossa pátria.

Mas, Pompeia em Roraima? Posso estar a me equivocar, mas algo definitivamente não cheira bem. A visita foi envolta em segredos... Seria mesmo apenas um encontro de última hora, não planejado, entre bons vizinhos de agenda vazia? Ou havia algo mais nessa operação? Além, é óbvio, de mais uma afronta à nossa Constituição e mais uma ofensa à boa tradição da nossa Casa, que já foi, em outros tempos, uma fortaleza da soberania nacional.

Lamento alimentar teorias infundadas, mas, por força de nosso ofício, habituei-me a seguir instruções e a observar, por vezes mimetizando, a linguagem e o pensamento do chefe. Se havia algum propósito obscuro na visita, o tempo dirá. Torço apenas para que não sejamos surpreendidos pelo rio de lava, já incontrolável, provocado pela ingenuidade de alguns poucos pompenienses.

Por descuido ou não, a Pompeia original queimou como um fato da natureza. Um vulcão, em toda a sua incontornável realidade, a dizimou. Aqui, contudo, Pompeia constrói seu próprio vulcão e alimenta seu fogo com ignorância e alienação intelectual. A erupção do Vesúvio Tupiquiniquim traz um lodaçal de vergonha e cinzas às portas da casa de Rio Branco, sujando não somente

nossos degraus, mas também nossa reputação.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

24 - RÉQUIEM PARA UM POVO (SEMANA 24)

[Introdução PRA: Um triste final para esta crônica, a última desta segunda edição de uma compilação que fiz por minha conta e risco, trazendo um pouco de humor e derrisão numa conjuntura de grandes sofrimentos, e não só para o povo brasileiro. Temos, porém, como povo, um grau adicional de aflição, como ocorre com o povo americano, ambos assolados por dois degenerados que são responsáveis, em grande medida, por um número adicional de mortos e enfermos que não deveriam existir se eles tivessem tido, ao menos, um comportamento digno, seja na prevenção e controle, seja no conforto a ser dado aos familiares das vítimas. Eles não estão longe da classificação de genocidas.]

Meus amigos me desculpem, mas hoje chorei. Não sou muito afeito ao pranto, pois fui criado em uma geração na qual se ensinava, erroneamente, que homem não chora e, se chora, não diz. Por isso, perdoem meu pecado, mas hoje chorei. São 150 mil mortos. No Brasil. Por Covid, quiçá, também, por incompetência e descaso.

Já nos revoltamos, nesse folhetim, com os ignorantes que acreditam em globalismo, em terraplanismo, em laranja lima. Mas não tratamos do assunto inescapável dos últimos meses. Não nos reduzimos às vicissitudes da política doméstica. Mas, hoje, passamos de 150 mil.

Desculpe-me o leitor, mas não consegui seguir sem um minuto de lágrima pelos meus concidadãos que poderiam, agora, estar vivos. Estariam, cada um desses 150 mil, onde quer que quisessem estar. Mas estariam. Viveriam em nossa pátria. Mas não vivem.

Busquei inserir nestas linhas uma troça qualquer sobre o “e daí?” de sua excelência, para manter o tom destas já infames crônicas, mas não consegui. Nem que eu usasse da mais fina das ironias, não encontraria graça que pudesse usar sem que esta me pesasse na consciência.

Ainda não vi o Presidente, ou qualquer Ministro de Estado fazer um minuto de real silêncio. Um minuto que fosse. Por tantas vidas que foram, faço destas linhas um réquiem para um povo que tanto sofre e que mais respeito e cuidado merece.

Por 150 mil, um minuto de silêncio.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

25 - A ESTAGNAÇÃO FREUDIANA DO BOLSONARISMO (SEMANA 25)

Peço de antemão vênias ao amigo leitor, pois é-me necessário abordar questões um tanto quanto vulgares e que exigem vocabulário inferior. Não sou nenhum puritano, mas a análise do bolsonarismo faz com que eu deva debruçar-me sobre questões que podem ruborizar os mais sensíveis. Às favas, pois é o dever do Ombudsman.

É conhecida a obsessão de Bolsonaro com o aparelho excretor humano. Refere-se em demasia a seu produto principal, como repetido tantas vezes na famigerada reunião de ministros. Ou como na parábola do sábio líder que orientava seus discípulos: “Quando se fala em poluição ambiental, é só você fazer cocô dia sim, dia não, que melhora bastante a nossa vida também, está certo?”

É conhecido também seu envolvimento passado com cloacas - dada sua confissão pública de zoofilia com aves.

Não me posso, portanto, furtar da meditação sobre a origem de tamanha obsessão pelo orifício excretor. Pergunto em voz alta aos Sigmunds na estante se o excelentíssimo se encontra estagnado na fase anal. Ao que me respondem silenciosamente, na voz que me imagino a Freud, que indivíduos excessivamente preocupados com o controle e a manipulação das condições de sua realidade,

crentes de que tudo podem e que todos devem dobrar-se a suas concepções, estão sim estagnados na fase anal da evolução psicointelectual (apenas a segunda fase desse processo).

Para além do freudianismo elementar, o bolsonarismo é famoso por essa obsessão de seu ídolo, muitas vezes referida como o fator de aproximação do excelentíssimo com o guru da loucura, Olavo de Carvalho. A identificação excremental de ambos é curiosa e parece paupar todo o plano de governo desta era sombria. Quiçá uma *coprokakistocracia*, termo que ousou cunhar, mas que não explicarei, pois me envergonha. Peço apenas que pesquisem o prefixo latino “copro-” e prefixo grego “kákistos-”.

Assim, não foi surpresa que o vice-líder do governo, o Senador Chico Rodrigues, com quem Bolsonaro afirma ter uma relação “quase estável”, no sentido jurídico da coisa, fosse também afligido por essa estagnação anal. Seriam os R\$ 17.900 que o vice-líder escondeu na “cueca” apenas mais um episódio de corrupção deste governo, ou também sintoma dessa obsessão freudiana? Não sei, mas sei que ninguém esconde R\$17.900, esconde R\$18.000. Resta saber onde permaneceu entalada a nota de R\$ 100 faltante?

Não são só R\$ 100. Reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

26 - SER PÁRIA. É BOM SER PÁRIA (SEMANA 26)

[Introdução PRA: O Batman do Itamaraty está de volta! Ou melhor: meus agentes secretos, 005 e 006, voltaram de férias ou do descanso, e conseguiram me desovar as saborosas — algumas angustiantes — crônicas do Cronista Misterioso das últimas semanas do ano miserável de 2020 e as primeiras de um ano, 2021, que promete ser mais miserável ainda. Em todo caso, preciso preparar uma terceira edição destes petardos anti-EA, para ampla disseminação e circulação entre o público interessado. Começo pela primeira desta terceira safra e depois vou alinhando paulatinamente as 14 seguintes, aproveitando para desejar ao Cronista Misterioso meus melhores votos de felicidades em 2021 (só desejo um ano pior, desgraçado, a quem vcs sabem quem)]

Escreveu o poeta que devemos ter nossos corações palpitantes de amor patriótico para enfrentar o dragão do mal. Não me refiro a nenhum conto infantil, mas a recente discurso de nosso chefe, que, falando para os formandos da turma João Cabral, convocou-os para uma “aventura nacional e mundial de proporções históricas”! “No sentido medieval” mesmo, como esclareceu.

Não estou plenamente seguro de que os jovens formandos tinham a consciência de que ingressavam não em uma tradicional carreira de Estado, mas em uma “aventura épica”, em um “combate de gigantes pela essência humana”!

Pensando cá com meus botões, lutar contra dragões... Não tenho certeza se estava nos planos desses jovens.

No romance heroico de nosso chanceler, o globalismo e o politicamente correto, a mando “sabe-se lá de quem” - pois há de ter um toque conspiratório nisso tudo - construíram um ser humano artificial, sem sexo. Pois é, sem sexo - não atribua a mim esse recalque, leitor, foi ele quem disse. A propósito, todas essas referências lascivas a “orgias” e “acasalamento” podem até ser uma forma de agradar o chefe, é verdade, ou de “libertar a linguagem”, mas tenho cá pra mim que... Bom, tirem suas próprias conclusões; ainda me apego a esse incômodo “politicamente correto”.

A saudosa Ms. Walker, professora de inglês de todos nós, proferiu, na mesma ocasião, discurso a um só tempo sóbrio e grandioso. Multilateralismo, democracia e redução das desigualdades sociais. Ah, que saudades que tenho de nossa real diplomacia, em que conceitos racionais estavam também nas palavras do Ministro, em lugar de críticas fantasiosas a inimigos imaginários.

Mas a ele uma coisa não se lhe pode negar. Sabe que somos párias, objeto de desconfiança, descrédito e piada. Chacota mesmo. Chalaça. Sabe que cada vez mais nosso trabalho é dificultado no exterior e torna-se por vezes até perigoso. Reconhece, e com orgulho. Diz que é bom ser pária. Acredita que somos heróis virtuosos, lutando sozinhos para libertar o mundo “sabe-se lá de quem”. Só

mesmo em seu mundo lírico e confuso, cheio de vilões, aventura e magia.

Se ser pária é tão bom, senhor Ministro, Vossa Excelência poderá ser pária dentro de seu próprio Ministério, recolhendo-se a sua aventura imaginária contra moinhos, orgias comunistas e dragões do mal. Poderá dedicar-se a sua poesia épica e deixar que os assuntos atinentes à realidade sejam conduzidos por embaixadores respeitáveis, enquanto ainda há tempo de salvar a dignidade de nossa Casa.

Para acordarmos desse romance épico de baixa qualidade, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

27 - O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO (SEMANA 27)

[Introdução PRA: Uma curta nota do cronista misterioso para antecipar a previsível vitória do Joe Biden, mas não sei quando exatamente foi composta esta nota; nenhuma delas tem data de calendário e eu apenas recebo tardiamente esses petardos bem humorados (quase sempre). Em todo caso, o Trump é pior que um dragão da maldade, pois ele ainda não foi preso, o que pode ocorrer, assim como para a famiglia muy amiga, que também perpetra suas pequenas e grandes falca-

truas. Em todo caso, o chanceler accidental está ficando órfão, de pelo menos um dos seus chefes, talvez o principal...]

Não sou muito afeito a futurologia, mas hei de me aventurar pela seara das moiras e farei uma previsão. O ex-vice-presidente americano, Joe Biden, sairá vitoriosa da batalha contra o grande dragão vermelho (como saiu vitorioso Lincoln da batalha contra os Grand Dragons originais da Ku Klux Klan).

Não significa, é claro, que adentraremos uma nova era de progresso e paz, mas significa, ao menos, que o *fog of war* de fake news e anti-iluminismo, que a alt-right criou, tenderá a dissipar-se.

Assim como no clássico de Glauber Rocha, de quem roubo o título desta crônica, lançado há mais de 50 anos, não há heróis claros nessa luta, mas, ao fim, o ódio que o grande dragão vermelho da maldade representa será vencido. Está decretado o fim da indivina trindade que Ernesto coloca em seu altar de cristão herege: Trump, Bolsonaro e o “Deus de Trump”.

Apesar de nosso ministro parlapação e da aura de insensatez e delírio que ainda emana de nosso palácio, o novo sempre vem.

E amanhã vai ser outro dia.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

28 - E AGORA, JOSÉ? (SEMANA 28)

[Introdução PRA: *Na fatídica (para os alunos recém egressos do curso de preparação à carreira diplomática do Instituto Rio Branco) formatura da turma João Cabral de Melo Neto, no Dia do Diplomata de 2020, os formandos tiveram de aguentar um "filósofo e poeta" de Quixeramobim (apenas para rimar com chinfrim, da letra de Chico Buarque, um grande compositor que musicou Vida e Morte Severina de João Cabral), que pretendia também traçar suas mal compostas linhas de poesia (nunca vi nenhuma, depois que ele perpetró dois horríveis romances distópicos), mas que abusou dos alunos, atacando o patrono da turma, dizendo que ele tinha ido pelo mal caminho, ao aderir ao "comunismo". O chanceler accidental não tem a menor ideia do que ocorreu naquele caso de 1953 que tinha um colega delator como denunciante do jovem João Cabral, e que pretendia ser um McCarthy, causando momentos de caça às bruxas no Itamaraty na era da Guerra Fria.*

Em todo caso, João Cabral foi muito mais importante como poeta do que como progressista, simpático ao socialismo, o que eu também fui. Aliás, relatei parcialmente esse caso em meu ensaio sobre o Itamaraty nos tempos do AI-5, quando os serviçais da ditadura como os amigos do patético chanceler andavam caçando comunistas em todas as partes, um pouco como ele faz atualmente (na plataforma Academia.edu: "Do alinhamento recalcitrante à colaboração relutante: o

Itamaraty em tempos de AI-5 (2008)”). Não sei se ele vai me demitir por me declarar marxista, o que é incontornável para um sociólogo.]

Quando Biden virou o jogo na Geórgia, aos 98% do terceiro dia ou, quiçá, aos 48 do segundo tempo, uma música me veio ao coração, Georgia On My Mind, na versão de Ray Charles, e uma imagem me veio à mente: a do Hail Mary Pass.

E depois de dias de agonia, chefe, a festa da democracia acabou no país em que tanto te espelhas. A luz apagou, o povo sumiu. Mundo, mundo, vasto mundo, você que acredita em uma predestinação medieval pré-iluminista, viu esse mundo girar. Não digo que teu Deus esteja morto, mas estará, em breve, sem mandato.

Sim, poderás apoiar teu mestre até o último momento. Sabemos que és fiel escudeiro. Poderás apoiar a contestação das urnas, poderás espernear, dizer que foram fraudadas as eleições nesse país instável e etnicamente dividido; quem sabe até reconhecer um autoproclamado presidente?

Mas também sabemos que democracia é assim, ora se ganha, ora se perde. E tuas pataquadas e bravatarias estão entrando rapidamente na contra-mão da História. De nada adiantou fazer campanha para o Macri, jogar contra a constituinte chilena, estimular golpe de estado na Bolívia ou apoiar um autointitulado presidente que mal preside a si

próprio. E você que achava que o Trump ia salvar o Ocidente. E agora, José? Sozinho no escuro, qual bicho-do-mato. Cadê teu Deus?

Você que acredita ser um representante predestinado da vontade popular, esquece que o povo brasileiro não elegeu um ditador perpétuo, mas apenas o chefe do Poder Executivo Federal, apenas um de três poderes, independentes e harmônicos entre si, - talvez até por isso odeies tanto o Iluminismo que criou esta tripartição do Poder. E, elegeu, chefe, apenas por quatro anos. E a vontade do povo pode mudar, e de fato muda. Como mudou na Geórgia. É duro ouvir, eu sei. Mas e agora, José?

Você que zomba dos outros? Teu ódio - e agora?

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

29 - SOZINHO (SEMANA 29)

[Introdução PRA: *Uma curta nota, apenas para registrar a tristeza do chanceler accidental e seu chefe com a derrota do Grande Mentecapto nas eleições presidenciais dos EUA. Deve ter sido de fato um choque, o primeiro perder o seu "I love you Trump", o segundo perder o seu segundo, talvez primeiro, chefe, seu guia espiritual. Essa fatura o eleitorado ame-*

ricano já liquidou; nós ainda nos debatemos na dúvida.]

Às vezes no silêncio da noite, deves imaginar vocês dois. Deves sonhar ali acordado, juntando o antes o agora e o depois...

Imagino que nosso dendrófobo presidente esteja desnordeado, pois esta semana soubemos que ainda acredita em uma vitória eleitoral de seu amor. Andou meio perdido, meio confuso, meio acabrunhado. Deu patadas pra cá e pra lá. Orgulhou-lhe vetar a vacina, ameaçou militarmente os EUA (!) e, *last but not least*, ocupou-se do jet-ski. Seguramente, sofre com a derrota, ainda inadmitida, de seu bem querer.

Não riam. Nosso chefe está de luto. É duro perder um ídolo, ainda mais quando não se tem pensamento próprio e apenas se segue o líder.

É, amigo, é duro. Você fala que o ama, e sabemos que não é da boca para fora. Ou ele te engana ou não está maduro, iei, iei, iei, iei, ié.

Onde está seu Deus agora?

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

30 - XARAB FICA? (SEMANA 30)

[Introdução PRA: *Xarab Fica é o título de um dos romances ditos "distópicos" do patético chanceler acidental. Nunca soube de algum colega diplomata que o tenha lido, e nem pretendo perder tempo com essa coisa, pois já li uma resenha de um jornalista, que leu por obrigação, e que confessou que não entendeu nada. Na verdade, a crônica do nosso Batman se refere à permanência do chanceler acidental mesmo com a derrota do adorado ídolo de ambos. A manutenção do nosso personagem não depende dele, e sim dos seus chefes, que o tratam, segundo o cronista misterioso, como *Canis Familiaris*, o que me parece apropriado.]*

No auge de meu masoquismo intelectual, adentrei pela leitura das obras ficcionais (ou talvez fictícias, já que a qualidade das mesmas há de relegá-las à inexistência) de nosso esquizofrênico chanceler. Não passei das primeiras páginas. Em nenhuma das três (A Porta de Mogar, Xarab Fica e Quatro 3) a vontade de entender o autor-criatura foi maior do que a ânsia provocada pelas serpenteantes passagens malfeitas, pelos elogios velados a um totalitarismo ufanista e pelos intermináveis diálogos mal elaborados.

Tudo falta em Ernesto. Falta alma, falta inteligência, falta criatividade e falta talento. Sabemos que são essas faltas que lhe qualificam para Chanceler do Excelentíssimo Ignóbil da República,

mas é aquilo que está presente nele que poderia desqualificá-lo, agora, para o cargo. Esse amor louco por aquilo que não é mais, pelo tropismo religioso, isso, de fato, está presente em Ernesto. Mas, com a vitória de Biden sobre esse obscurantismo, como ficará nosso picaresco anti-herói?

Nosso Xarab fica? Acredito que sim. Acredito que sua desqualificação total e, agora, absoluta para o cargo o cacifará para uma permanência indeterminada. Como um bom Canis Familiaris sempre pronto a servir seu mestre, o Kakistos Chanceler naufragará com o capitão desta canoa furada em que nos metemos. Ou, ao menos, este é seu desejo.

Resta saber se o poder neutralizador do centrão agirá para balançar e contrabalancear a sempre inconstante e incoerente mente de seu mestre. Quem assumiria, caso Ernesto venha a óbito político, nossa canoa? Quem seria tão louco, tão servil, tão abjeto, tão imprudente? Isso é uma indagação para outra hora, pois....

Por hora, Xarab fica.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

31 - BANANA SPLIT (SEMANA 31)

[Introdução PRA: O Cronista Misterioso compara o dirigente a uma banana, o que me parece ofender a banana, que é pelo menos uma fruta útil. Vejamos o que ele diz: "Já tivemos péssimos governantes, mas, pela primeira vez em nossa história, elegemos a mais podre das bananas e escolhemos mandar uma banana para a banana da realidade." Está chegando o dia em que vamos dar uma banana para cada um dos aloprados que destroem o Brasil, e tudo o que tem dentro.]

Uma das minhas mais queridas memórias é de quando visitávamos meu avô em São Paulo. Sempre passávamos pela Sorveteria Alaska, a mais tradicional da pauliceia. Era glorioso poder pedir uma Banana Split como aquelas maravilhas que eu via nos filmes americanos. Cada colherada era um testemunho de que a vida poderia ser perfeita, ainda que só até o final da taça.

Deambulando por estas memórias, em uma forma de escapismo saudosista, peguei-me a elucubrar sobre as quase infinitas combinações que a Banana Split comporta. Podemos escolher o comedimento de uma bola de sorvete, a tradição das três bolas ou até a ousadia de quatro bolas. Podemos mesclar sabores populares, como a minha combinação favorita de flocos e chocolate, ou atermo-nos a um sabor refinadamente burguês, como pistache. Podemos enfeitá-la com a ortodoxa cereja em conser-

va no topo ou podemos ser inventivos, optando pela heterodoxia dos morangos frescos, ou até mesmo framboesas, mais neokeynesianas. Podemos optar pela reprodução do clássico americano com chantilly ou podemos arriscar uma reviravolta nacionalista com doce de leite ou ainda, quem sabe, os dois!

Podemos escolher a perfeição de ver a banana split em uma taça em formato de canoa ou podemos ser iconoclastas ao utilizar uma taça de sundae. Podemos optar pela abundância da banana nanica, pelo sabor balanceado da banana prata, pela doçura da banana ouro ou até pelo exotismo da banana maçã! Podemos aceitar a banana em sua integridade na taça, fatiá-la longitudinalmente ou até, como heréticos, picá-la em pedacinhos. São tantas opções... Mas há um limite para a Banana Split, a banana. Sem banana não há Banana Split! Sem Banana Split não há paz!

O amigo leitor deve estar a se perguntar se este que vos fala é apenas gordo ou se chegará a algum ponto com estas deambulações. Ora, sou gordo sim, mas também tenho um ponto! Meu ponto é que o Estado é a Banana Split e banana do Estado é a realidade! Esse é nosso limite!

Assim como sem banana não há Banana Split, sem os limites do real, não há Estado. Quando abrimos mão disso, toda a lógica que estrutura o Estado rui e encontramos-nos entregues aos lobos. Já tivemos péssimos governantes, mas, pela primeira vez em nossa história, ele-

gemos a mais podre das bananas e escolhemos mandar uma banana para a banana da realidade.

O problema do Brasil bolso-olavista, bem como do Itamaraty ernesto-olavista, não é nem com a esquerda, nem com o centrão, nem com a direita. É com a banana da realidade.

Lembrem-se que não há escapatória para a banana e reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

32 - TECITO DE MORINGA (SEMANA 32)

[Introdução PRA: Suprema ironia: o patético chanceler, inimigo imortal da ditadura chavista, recebe uma lição do seu contraparte venezuelano. Permito-me reproduzir o que disse o chanceler chavista, que já tinha lido no ano passado, mas que é sempre um prazer reler, pois ele se dirige a nós, diplomatas profissionais: "Sei que vocês estão em resistência, que tem vergonha das posições de seu chanceler. Mas, tranquilos. Isso é temporal e que, no final, nenhum governo, nenhum chanceler pode derrotar a excelência do que representa o Itamaraty. No final, esses anos serão apenas uma má lembrança e nada mais". (Jorge Arreaza, chanceler da Venezuela)]

Você se lembra, amigo leitor, quando nosso *asno-in-chief* gritava so-

bre os perigos da venezualização (SIC) do Brasil? Você se lembra quando nosso execrável chanceler dizia que nos salvaria do comunismo internacional e, também, quando louvou as belezas de sermos párias? Pois é... Parece, contudo, que viramos mesmo párias, uma Venezuela da direita, sem nenhuma qualificação técnica em seus quadros.

Longe de mim vir defender o regime Maduro, mas é preciso notar que seu alto escalão diplomático é, no mínimo, muito mais qualificado que nosso Beato Salu. Durante a reunião virtual extraordinária de ministros da Organização de Estados Ibero-Americanos, Salu nos envergonhou mais uma vez ao utilizar TODA a sua intervenção para tecer acusações ao governo venezuelano e a um suposto complô globalista. Foi isso o que Salu disse? Não sei ao certo, pois é difícil entender o que ele diz... Por alguma razão, meus ouvidos bloqueiam a voz de Ernesto. Autopreservação, talvez?

Não convém entrar em detalhes de conteúdo, debruçar-me-ei, sim, sobre a forma. Independentemente do que tenha dito em detalhes, Salu foi TÃO inábil que acabou por tomar uma ensaboada moralista de Jorge Arreaza, pasmem, o Chanceler Venezuelano. Arreaza, do qual discordo, mas reconheço ser um exímio diplomata, abrandou as saraivadas de disparates desconexos que seu governo recebeu com bofetadas de pelica.

Lembrou que nosso excelentíssimo se orgulha de dizer que o erro da ditadura militar brasileira foi torturar e,

não, matar, bem como rememorou que Salú era o porta-voz de um governante que disse ser incapaz de amar um filho homossexual. Por fim, arrematou com a seguinte pérola:

"Queria recomendar ao chanceler do Brasil uma receita. O comandante Fidel Castro estudou muito a moringa, uma planta extraordinária, com propriedades curativas e também tranquilizante", disse. "Eu quero recomendar um chá de moringa, com um pouco de valeriana. Já vai ver como se abre o espaço para a tolerância ideológica, para que possamos inclusive debater", disse. "Podemos inclusive debater eu e o senhor, sozinhos. Eu desafio. Moringa, nos sentamos, falamos de democracia, direitos humanos, da Amazônia, de mudanças climáticas, de geopolítica".

Com essa pérola diplomática, Arreaza bateu mais um prego na tampa do caixão da supostamente "nova" política externa ernestiana. Rebaixou, com bom humor, o Brasil de Bolsonaro à merecida insignificância mundial e histórica. Por fim, foi além do *tecito de moringa* e mandou uma mensagem para nós, diplomatas brasileiros, que deixo registrada aqui... Quiçá como palavras de esperança...

"Sei que vocês estão em resistência, que tem vergonha das posições de seu chanceler. Mas, tranquilos. Isso é temporal e que, no final, nenhum governo, nenhum chanceler pode derrotar a excelência do que representa o Itamaraty. No final, esses

anos serão apenas uma má lembrança e nada mais”.

Para que não sejamos mais admo-estados pela Venezuela, reajam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

33 - A FAMÍLIA BEAN (SEMANA 33)

Entre a realidade e a ficção encontra-se a história do clã escocês dos Bean. A história começa com a união entre Sawney Bean e Agnes “Black” Douglas, que nos idos do século XVI, fizeram morada em uma caverna em Bennane Head, entre Girvan e Ballantrae, no sudoeste escocês, e produziram uma prole numerosa de 29 filhos e filhas, além de dezenas de netos. Segundo a lenda, os Bean tinham pouca proclividade para o trabalho e viviam de trapaças, tramoias e crimes comuns (qualquer similaridade com clã brasileiro cujo cognome também se inicia com a letra “B”, é mera coincidência)

Obviamente, os Bean não eram apenas tratantes e ventanistas, pois do contrário não teriam sido imortalizados por lendas aterrorizantes. Os Bean atraíam viajantes desavisados para seus domínios e, então, atacavam, matavam, roubavam e devoraram os corpos desses incautos. Sim amigo leitor, os Bean eram canibais.

Não digo que nos encontremos sob o domínio de canibais, per se, mas há, sim, similaridade com o terror que os Bean causavam à Escócia medieval e o nosso Brasil contemporâneo. Ainda que não comam nossas carnes, estamos subjugados por monstros devoradores. Devoradores de espírito, esperança, instituições, economias e futuros.

Os Bean brasileiros, que não são apenas uma família no sentido consanguíneo, mas, também, uma corja acéfala que se une pela mesma predileção destruidora, matam e devoram o Estado. Esta semana, tivemos mais uma prova disso. A notícia de que nosso excelentíssimo utilizou da estrutura analítica da ABIN para elaborar relatório que auxiliasse seu primogênito a evadir-se da justiça, mostra que estes animais saca-bocados já avançaram para o fígado do putrefato corpo estatal...

Há que se questionar sobre o destino destes Bean. Terão estes o mesmo destino do clã escocês, dizimados pelo povo unido ante tamanhas atrocidades? Ou terão eles sucesso, incutindo na população seu canibalismo animalesco?

Pelo retorno do vegetarianismo político, reflitam e reajam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

34 - RETORNO A ASA BRANCA (SEMANA 34)

Após breve estadia em Sucupira, a cidade mais real que o real de O Bem-Amado, aventureime-me novamente pelo sertão fantástico de Dias Gomes e, nesta semana, os ventos parecem ter me trazido a Asa Branca, a cidade mítica de Roque Santeiro. Ou seria este sertão da alma o Itamaraty? Já não consigo mais distinguir...

Ao Beato Salu parecem ter se juntado alguns outros personagens... Padre Hipólito, parece ter orientado Salu e Sinhozinho Malta de que não deveríamos reconhecer a vitória de Joe Biden, pois tinha convicção de que havia fraude na eleição americana e de que seu deus seria vitorioso, contando com o apoio das beatas da cidade comandadas por Dona Pombinha Abelha... Resta saber quem rezará por Padre Hipólito agora... As freirinhas do convento, talvez?

Já Zé das Medalhas, preocupado com os polpudos soldos que lhe prometerá Salu, caiu na armadilha de uma Senadora, perdeu a compostura e foi defenestrado pelas janelas do Senado. Não será, Oxalá, nosso Embaixador em Genebra. Mas, há que se ressaltar que sua inabilidade, quase igual à do Beato, ainda nos custará muito, pois a venerável Senadora, imbuída de renovado interesse sobre o Itamaraty, ordenou averiguação da utilidade econômica de todos os nossos postos no exterior, ignorando qualquer atributo de relevância política...

Enquanto isso... O Lobisomem da AIG ainda corre solto como cachorro louco atrás das Mocinhas e deixa nossa comunicação em frangalhos... O Prefeito do Palácio, Seu Flô da SG, deixa a loucura comer solta e seus eleitores ao relento, pouco se preocupando com o futuro do país e da instituição e com olho vivo apenas para a próxima eleição da Organização Mundial da Propriedade Intelectual...

Só consigo indagar onde estão Roque Santeiro, Padre Albano, Matilde e o Cego Jeremias para nos proteger? Me lembro então de uma velha canção que dizia... “no ABC do Santeiro o que diz o A, o que diz o A? O A diz adeus à matriz... O que diz o B, o que diz o B? O B é a batalha da morte... O que diz o C, o que diz o C? Coitado do povo infeliz...”

Pelo bem de Asa Branca, reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

35 - PRESENTE DE NATAL (SEMANA 35)

Nesta semana natalina, vime-me tomado pelo espírito das festas, bem como acometido por uma sensação de ternura paternalista para com aqueles a quem venho deferindo críticas sistemáticas nos últimos meses. Eles também são filhos de Deus e merecem um presente de fim de ano. Assim, lembrei de

um belíssimo artigo que Art Buchwald publicou no Washington Post, em 1973, para presentear os apoiadores do então Presidente Nixon. Entitulado “Response List For Nixon Backers”, o artigo elencou uma sequência de argumentos para que os “Nixon Head’s” contra-argumentassem os ataques feitos ao seu amado presidente.

Nesse espírito, adaptarei nas próximas linhas a lista de Buchwald para os apoiadores tanto de nosso excelentíssimo presidente quanto de nosso Chanceler. A saber:

1 - Todo mundo faz a mesma coisa.

2 - E o PT?

3 - O Presidente/Chanceler não tem condições de saber de TUDO que seu staff/amigos/família faz ou fez.

4 - A mídia está tirando tudo de contexto e mentindo.

5 - Tudo que o Presidente/Chanceler faz (bom ou mal) é em nome do Brasil.

6 - A esquerda está com inveja por ter perdido a eleição.

7 - Você vai acreditar nas mentiras de um traidor como o Moro ou vai acreditar no nosso Presidente?

8 - Temos que esperar até que todos os fatos se tornem públicos.

9 - E o PT?

10 - Se o Bolsonaro sofrer Impeachment, o Mourão vira Presidente.

11 - O único crime do Presidente é amar seus filhos.

12 - E o sítio do Lula?

13 - Na Europa / nos EUA é a mesma coisa.

14 - Não importa o que o Bolsonaro fizer, a esquerda vai ficar de mimimi.

15 - É tudo culpa da oposição.

16 - O Lula sempre teve acesso aos relatórios da ABIN e ninguém reclamava (SIC).

17 - O que é que tem demais em contratar milicianos?

18 - O Presidente é um homem muito ocupado, ele não tem tempo pra saber de esquema de rachadinha.

19 - E o Lula?

20 - Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra.

21 - E o Dória?

22 - E o Hulk?

23 - E o PT?

24 - O Brasil não desmata a Amazônia, é a Amazônia que desmata o Brasil!

25 - O Bolsonaro só acabou com a Lava Jato, porque a corrupção acabou.

26 - Conheceréis a verdade e a verdade vos libertará!

27 - Se o PT tivesse ganhado, nós estaríamos pior.

28 - E o PT?

29 - A bolsa está subindo!

30 - A culpa é da China que inventou o COVID e roubou a eleição do Trump.

Ufa... Deixo este presente de natal aos bolsolavistas do ministério e da esplanada. Acredito que apresentei um bom plantel de desculpas esfarrapadas para serem usadas ao redor da mesa de natal.

Boas Festas a Todas e Todos!

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

36 - FELIZ ANO VELHO (SEMANA 36)

Para escrever sobre este ano que se encerra, tomarei emprestado o título do belíssimo livro autobiográfico que Marcelo Rubens Paiva lançou em 1982. O livro, cuja leitura é indispensável para qualquer brasileiro, conta sobre o acidente que deixou Rubens tetraplégico, bem como recorda a tragédia do desaparecimento forçado e assassinato de seu pai, o ex-Deputado Federal Rubens

Beyrodt Paiva, pelos aparatos de repressão do regime militar, em 1971.

Este ano de 2020 foi, é e será sempre um ano velho. Estamos presos em um vórtex temporal, uma tragédia mística e científica que só poderia ter sido escrita por meio de colaboração entre Orwell, Júlio Verne e Dostoiévski. Neste vórtex, estamos ao mesmo tempo em 1918 (ano da gripe espanhola), em 1964 (ano do golpe civil-militar), em 1968 (ano do AI-5), em 2018 (ano da vitória de Bolsonaro) e em 2020.

Na saúde, somos acometidos por uma praga sem tamanho que vem nos matando como moscas e que é agravada pela ignorância e leviandade dos parlapatões satânicos da esplanada. Na economia, nossos mais vulneráveis irmãos serão deixados ao relento dos ventos que sopram do fim do auxílio emergencial e da incompetência de Paulo Guedes.

Na política externa, Xarab ficou e o Brasil se consolidou ainda mais como pária internacional, já que seu Deus Trump morreu. Na política interna, vivemos a tragédia de um desgoverno autoritário, canalha e corrupto que destrói nossas esperanças e sonhos. Uma corja despudorada que tenta reviver o ápice da repressão ditatorial brasileira, mas, dessa vez, de forma farsesca. É a história se repetindo, primeiro como tragédia e depois como farsa...

E, infelizmente, caro leitor, engana-se aquele que acha que, ao menos, 2020 está acabando. Este ano não acabará, pois 2020 vai continuar 2021 adentro,

graças à guerra da vacina que Bolsonaro tão desumanamente promove. Resta saber, ainda, se permitiremos que 2020 continue em 2022. Resta saber se nossas renhidas picuinhas anos continuarão a nos cegar e a garantir a reeleição do facinora presidente.

No dia 31, teremos que desejar feliz ano velho aos amigos. Permitiremos que isso continue no Réveillon de 2021 para 2022?

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

37 - VOLUME II, CAPÍTULO 01. (SEMANA 37)

Logo na segunda-feira desta primeira semana de 2021, quiçá o capítulo 01 do volume II de 2020, fui surpreendido por um “artigo-pataquada” de nosso psicopata-chanceler, intitulado “For a Liberal-Conservative Reset”. Acreditei, amigo leitor, que teria que escrever um texto chato apenas focado nas loucuras que nosso chefe destilou sobre mais uma teoria da conspiração a que aderiu, o “left-wing ideological complex” que teria tomado controle da política americana por meio de manipulações chinesas. Esse complô, segundo nosso poderoso chefinho, seria um saco de gatos no qual ele inclui o globalismo, o crime organizado transnacional, o trans-humanismo, a mídia, um suposto narco-socialismo, o “covidismo” e outras teorias da conspi-

ração. O artigo tresloucado é digno de Ernesto e da malta ensandecida que persegue teorias como o QAnon norte-americano.

Encontrava-me triste com essa tarefa de desemaranhamento teórico de inutilidades, quando, pasmem, os trumpistas norte-americanos invadiram o capitólio como animais inconsequentes. Fui, assim, presenteado pelo destino com um tema muito mais interessante para a primeira crônica de 2021. Homens animalizados, xamãs tresloucados, saqueadores inconsequentes e massas de manobra revoltadas e incitadas pelo grande dragão vermelho, Donald Trump, invadiram o Congresso americano com o intuito de sustar o processo democrático e impor uma ditadura de Trump (ainda que essas massas não acreditem que estejam fazendo isso).

O episódio foi tão absurdo que levou à ruptura de Mike Pence, o Vice-presidente norte-americano, com Trump e a mais um processo de *impeachment* do execrável homem laranja (refiro-me a Trump, não ao Queiroz). Seria o fim da civilização americana? Viriam de dentro do próprio EUA as invasões bárbaras que destruirão a Roma moderna? Ante tantas dúvidas, recebi ainda outro presente, um presente de dia de reis, um ignóbil e insipiente comentário de Ernesto sobre o ocorrido!

Entre outras excrescências, disse nosso líder supremo que: “Duvidar da idoneidade de um processo eleitoral NÃO significa rejeitar a democracia. Ao con-

trário, uma democracia saudável requer, como condição essencial, a confiança da população na idoneidade do processo eleitoral"; "Há que parar de chamar 'fascistas' a cidadãos de bem quando se manifestam contra elementos do sistema político ou integrantes das instituições"; "Deslegitimar o povo na rua e nas redes só serve para manter estruturas de poder não democráticas e seus circuitos de interesse"; e "Há que perguntar, a propósito, por que razão a crítica a autoridades do Executivo deve considerar-se algo normal, mas a crítica a integrantes do Legislativo ou do Judiciário é enquadrada como atentado contra a democracia". Ernesto nos lembra, assim, que 2021 não é um recomeço, mas, sim, a continuidade da patifaria de 2020.

Há que se agradecer, contudo, Ernesto, Bolsonaro, Trump e seus seguidores por não terem nos deixado esquecer de que esta semana é apenas o primeiro capítulo do volume II de 2020. Reflitam.

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

38 - OS DESTRUIDORES DE MUNDOS (SEMANA 38)

"Nós sabíamos que o mundo jamais seria o mesmo. Algumas pessoas riam, outras choravam. Mas a maioria permaneceu em silêncio. Me recordei de uma passagem

das escrituras hindus, o Bagavad-Gita: tentando convencer o príncipe a concluir suas tarefas, Vishnu assumiu sua forma com vários braços e disse: 'Agora eu sou a Morte, a destruidora de mundos'".

Poderia ser uma passagem sobre o caos pandêmico em que nos encontramos, um desabafo de um Médico Sans Frontières ou de um enfermeiro em Manaus, mas foi o que Oppenheimer disse ao ver a primeira explosão atômica do Projeto Manhattan em Los Alamos, Novo México.

Se fossemos um país governado por pessoas com um mínimo de decência humana, essa também poderia ser a frase de desespero de um Ministro ou de um Presidente, atônitos e preocupados em atacar com convicção e compaixão a maior crise de saúde pública da história, mas não é o caso. Esperamos o dia "D" e a hora "H" para uma vacinação que não parece ser almejada pelo governo.

Vemos um Chanceler atrapalhar, a mando e desmando do Excelentíssimo Ignóbil da República, as poucas possibilidades que temos de nos vacinar. Vemos governadores incrédulos com a incompetência federal. Vemos tudo e nada acontece. Conhecemos o pecado. O pecado está aí, ao alcance das mãos, quiçá, das pontas dos dedos. Dedos que votaram. São os destruidores de mundos.

Sei que ando meio acabrunhado, meio descrente ultimamente. Tenho vontade de retornar às galhofas... Mas me faltam forças para rir, me falta oxi-

gênio nos pulmões para gargalhar, me faltam lágrimas também para chorar. Então, sigo assim, casmurro e acabrunhado...

Há de passar... É só o que consigo sussurrar com o que me resta de ar...

Respirem e pensem naqueles que já não podem mais...

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

39 - MINISTRO EM FUGA (SEMANA 39)

Nesta semana eu me vi às voltas com as mais díspares emoções. De um lado, esse carnaval de esperança e lucidez que é o início da vacinação em São Paulo. Do outro, a fome total do espírito, o desespero absoluto que já me consome há mais de dois anos, avolumado pelo descalabro de ver Manaus se tornar um caos. Não estou alheio às óbvias jogadas de marketing que representam a vacinação de São Paulo, mas nada se compara ao descalabro federal...

De um lado, a belíssima nota emitida na semana passada pela Presidente da ADB, Embaixadora Maria Celina, nossa Shadow Minister, contra a manifestação estapafúrdia do psicopata-chanceler sobre a invasão do capitólio americano. Do outro, as pataquadas que li esta semana na lista de emails de nossa associação sindical em ataque à nossa

Shadow Minister. Um certo diretor de departamento bolsonarista teve a pachorra de criticar a nota e cobrar um posicionamento favorável da ADB às loucuras de Ernesto. Obviamente ele foi devidamente escorraçado como o pulha que é. Manifestações magníficas de colegas, como o Embaixador Lamazière, trataram de ressaltar a covardia medíocre dessas posições.

Nesse dilema, pensei em escrever sobre a esperança. Pensei em escrever sobre o desespero. Pensei em escrever sobre a posse estadunidense. Mas tudo parecia muito óbvio...

Foi então que, no sábado à noite, chegaram a meus ouvidos notícias saborosas. Nosso “Ministro” da Saúde General Pazzuelo (um nome curiosamente semelhante com a alcunha do demônio Pazuzu do filme O Exorcista) fugiu para a Amazônia sem data para voltar. Ora, amigo leitor, há que se perguntar o motivo dessa retirada estratégica do ministro. Seria por preocupação com as almas manauaras? Seria pelo súbito arrebatamento do espírito de dever público? Seria pela conscientização do Excelentíssimo Ignóbil da República sobre o perigo do vírus? Não, obviamente não.

Pazzuelo fugiu para Manaus para não ser demitido. É praxe que não se demitam ministros por telefone, ainda que Lula o tenha feito com Cristóvão Buarque e Dilma com Arthur Chioro. Especialmente tratando-se de um general em um governo militar-miliciano, uma

demissão só ocorreria presencialmente. Dessa forma, *Pazzuzzuelo* fugiu para longe, para onde não poderá ser demitido.

Há de se reconhecer a esperteza do “Ministro”, pois ele sabe que ante à crise que causou em Manaus, não poderá ser chamado de volta a Brasília, pois isso seria escancarar o escárnio com a saúde dos brasileiros a níveis extremamente impopulares. Assim, *Pazzuzzuelo* deu um cheque estratégico, garantindo que não poderá ser demitido por pressões do centrão. Ele fica feliz, Bolsonaro fica feliz e nós choramos.

Será que caçaremos esse “ministro” em fuga?

Ministro Ereto da Brocha, OMBUDSMAN

40 - BATENDO PALMA PARA MALUCO DANÇAR (SEMANA 40)

Antes de existirem os profetas Iracundos, como Amós, existia a tribo dos Iracundos. Minha finada avó sempre lembrava dessa lenda dos Iracundos quando sentia que seus netos estavam indo no embalo de amigos muito bagunceiros. Lembrava-nos da fábula e repetia, nunca bata palma para louco dançar.

Segundo minha avó, os Iracundos eram seres (reais ou imaginários) que bebiam de uma fonte de raiva e ódio, que lhes dava imensa força, mas tam-

bém os destruía por dentro e por fora. Foram, assim, tornando-se monstros fortes a serviço do ódio e da ira que vagavam pelo mundo, cegos e surdos, a gritar barbaridades e afrontas. Eram tão despudorados e raivosos que aqueles que os encontravam, acreditavam estar na presença de loucos. Não acreditavam em nenhuma verdade, pois eram cegos e surdos, e retrucavam todos aqueles que tentavam postar-se em seus caminhos com violência, mentiras e gritos.

Quando encontravam plateias para suas loucuras, dançavam, cantavam e gritavam pedindo para que todos batessem palmas. E os incautos, mesmerizados pela festa que faziam os Iracundos e pelas asneiras divertidas que diziam, assim o faziam. Batiam palmas para que dançassem. Quando todos batiam palmas e riam, os Iracundos faziam seu espetáculo final: dançavam, atirando milhares de flechas para cima. Com sua força monstruosa, faziam as flechas desaparecerem nos céus, sempre ao som de aplausos. Depois, despediam-se e iam à procura de outra plateia.

Acontece, contudo, que ao saírem os Iracundos, as flechas caíam sobre a plateia, dizimando todos os incautos. É daí que vem a expressão tão cara à minha avó, e às avós de muitos dos que cresceram na mesma época que este velho que vos fala.

Ao ver o vídeo de Ernesto batendo palmas e ovacionando ataques de baixíssimo calão à nossa mídia, proferidos por seu mestre, o ignóbil da República,

lembrei-me de minha avó. Não acredito que você, caro leitor, esteja batendo palmas para maluco dançar, mas nosso Chanceler está. O problema é que as flechas dos Iracundos não recaem sobre ele, mas sim sobre todos nós brasileiros.

Nunca bata palma para maluco dançar.

Ministro ereto da Brocha, OMBUDSMAN

NOTA FINAL DE CONCLUSÃO SEM FIM: UM CRONISTA MISTERIOSO ANIMA A RESISTÊNCIA NO ITAMARATY

Paulo Roberto de Almeida.

Como informei nesta postagem: <https://diplomatizzando.blogspot.com/2020/08/um-cronista-secreto-doitamaraty.html>, recebi, primeiramente, um “cacho” de uma dúzia de crônicas saborosas (e uma gastronômica no meio, dedicada a um “bolo de laranja lima”, que deve ter sido ainda mais saboroso) sobre a **“miséria da diplomacia brasileira”** atual – tal é o nome do meu livro de 2019, livremente disponível neste blog –, uma vez que o Itamaraty se encontra perdido num **“labirinto de sombras”**, este é o título do meu primeiro livro de 2020, ambos dedicados à destruição da inteligência no Itamaraty.

A eles se seguiu um terceiro livro, já voltado para um projeto de reconstrução da política externa e de restauração da diplomacia, pois que a isto me obriga minha consciência de diplomata dissidente. Postei as crônicas recebidas nas várias postagens sequenciais anteriores. Espero que a maioria se divirta, embora algumas sejam mais propriamente desoladoras, mas este é o retrato do governo atual e da *administração bolsolavista* no Itamaraty.

Espero receber mais crônicas do cronista misterioso, um diplomata ainda não identificado (o que é perfeitamente compreensível: pode ter amigos e parentes na carreira e não cabe oferecer nenhum flanco aos aloprados do poder). Quando estes tempos obscuros passarem, ele certamente vai aparecer, com seu nome próprio, e será saudado como o iniciador do processo de resistência, um bravo entre muitos bravos (mais discretos).

Sou apenas um assistente de redação, digamos assim, e meus comentários figuram geralmente nas postagens do meu blog *Diplomatizzando* e no Facebook, que servem de registro para estes tempos obscuros.

Como diriam os companheiros, marxistas na maioria, a luta continua...

APÊNDICE: UM MANIFESTO GLOBALISTA⁷

BRASÍLIA, 15/02/2020

[**Objetivo:** paródia; **finalidade:** contrarri-
nista]

Paulo Roberto de Almeida.

Introdução: um manifesto em defesa do globalismo?

Um “manifesto globalista”? Na linha do *Manifesto Comunista* (1848), de Marx e Engels? Sim, exatamente, mas com algumas diferenças de espírito e de conteúdo.

Como o globalismo vem sendo atacado de maneira superficial e simplista por alguns espíritos neogóticos, com argumentos totalmente equivocados, vou divulgar o meu manifesto globalista, especialmente voltado para o mundo diplomático brasileiro, onde o besteirol antiglobalista que está sendo disseminado desde algum tempo é bem maior. A estrutura do presente ensaio provocador pode parecer semelhante, ou similar, à do texto gótico de 1848, mas os argumentos são bastante diferentes.

Mas antes uma precisão: o título original do pequeno panfleto de 1848 – feito muito rapidamente, inclusive com alguns “empréstimos” deliberados – preparado por dois jovens hegelianos radicais, era *Manifesto do Partido Comunista*.

Só que ainda não existia nenhum “partido comunista”: o texto havia sido encomendado pela Liga dos Justos, uma associação de trabalhadores alemães sediada na Inglaterra. Os partidos comunistas surgiram bem mais tarde, no seguimento da primeira grande divisão dos socialistas, seja na Primeira Internacional, em face do embate entre anarquistas-bakuninistas e marxistas-marxianos, seja depois, com o surgimento dos socialistas-reformistas – Lassale, Liebknecht, Kautsky, Bernstein –, agrupados na Segunda Internacional, que logo foram combatidos pelos bolcheviques-leninistas da Terceira Internacional. A partir de 1919, quem quisesse apoiar o primeiro “Estado trabalhador” da História tinha de mudar o nome do seu partido para comunista, e acrescentar o subtítulo: “seção [nacional] da Internacional Comunista”, como foi o primeiro nome do Partido Comunista do Brasil: seção brasileira da Internacional Comunista (1922, nome recuperado depois, sem o subtítulo, pelo PCdoB).

Marx e Engels aprovariam, quase certamente, a distinção entre comunistas e socialistas, para logo em seguida criticar os discípulos pouco instruídos nas coisas econômicas (pois que conduziram o comunismo a uma situação insustentável). Para os propósitos do presente ensaio, como nem o globalismo, nem o bizarro antiglobalismo constituem partidos, no sentido etimológico e funcional da palavra, este novo manifesto não é do “Partido Globalista” e sim apenas um “Manifesto Globalista”; se quiserem

⁷ Assim como todos os anteriores, também este texto está disponível no blog: <http://diplomatizzando.blogspot.com>; pralmeida@me.com.

acrescentar algo, eu não me oporia a este subtítulo: “contra o antiglobalismo”. Feitos os esclarecimentos históricos, vamos a um novo “clássico revisitado” de minha série, que já comporta uma paródia do velho Manifesto, adaptado aos vibrantes novos tempos da globalização capitalista (o novo Manifesto, e o livro completo, estão disponíveis aqui:

https://www.academia.edu/41037349/Velhos_e_Novos_Manifestos_o_socialismo_na_era_da_globalizacao_1999_).

1. O grande temor dos reacionários: o espectro do globalismo

Um espectro percorre a comunidade adepta das teorias conspiratórias: o espectro do globalismo. Todos os poderes de velhas correntes ultraconservadoras, da extrema direita e dos reacionários sem qualquer doutrina, mas também da esquerda antiglobalizadora, se aliaram em uma campanha contra o fantasma do globalismo. Este seria, no precário entendimento dos que estão coligados ou convergentes no combate a esse novo monstro metafísico, um alegado complô de ricos de esquerda e de burocratas da ONU — sem esquecer alguns ideólogos, como este que aqui escreve — devotado a retirar soberania aos Estados nacionais e a construir um governo mundial dirigido por burocratas não eleitos de organismos internacionais.

Qual entidade de burocratas dedicados à interdependência global não foi vilipendiada pelos seus adversários no poder como globalista? Quantos diplomatas sinceramente devotados ao seu trabalho internacionalista já não foram acusados de globalistas pelos novos cruzados reacionários da causa antiglobalista?

Desse fato concluem-se duas coisas.

O globalismo passou a ser identificado por esses adeptos de teorias conspiratórias como um novo poder.

Já é tempo dos globalistas engajados – como este que aqui escreve – exporem perante o mundo inteiro – ou pelo menos aos *true believers* e outros ingênuos seduzidos pela causa antiglobalista – a sua visão do mundo, seus objetivos e tendências, e de contraporem à lenda do espectro do globalismo um manifesto do próprio punho. Um manifesto que examine cada uma das alegações dos antiglobalistas e confirme que eles estão indo na direção contrária ao sentido tomado pela grande trajetória da interdependência global, ao pretenderem fazer girar para trás a roda da História.

2. Globalistas e antiglobalistas (ou internacionalistas conscientes e nacionalistas tacanhos)

Adeptos de teorias conspiratórias sempre existiram ao longo dos séculos: são geralmente mentes simples, almas

cândidas, pessoas ingênuas que, induzidas por profetas de algum desastre iminente – gurus alucinados pelas dificuldades naturais, estruturais ou conjunturais, sistêmicas ou acidentais, contingentes, das economias e sociedades – tentam ver, nesses soluços de uma longa e lenta evolução para estágios diferentes de organização econômica, política e social, a ação de sociedades secretas, entidades poderosas que manobriariam em surdina justamente contra o Estado ao qual pertencem.

Para eles, se algo estranho – ou seja, coisas que eles não conseguem explicar – está acontecendo no mundo, ou no cantinho em que eles vivem, é porque um pequeno grupo de espertalhões, geralmente ricos e poderosos, mas sempre mal intencionados, está tentando (e conseguindo) tomar o controle do mundo e de suas vidas, para impor não se sabe bem que tipo de novo regime ou sistema de vida. Dizer que os “conspiradores” são paranoicos já é uma redundância em si, pois parece haver uma correspondência íntima entre esses dois tipos de alucinados, embora nem todos os paranoicos sejam adeptos de teorias conspiratórias: vários se refugiam em seu mundinho conhecido, temendo que o céu lhes caia sobre a cabeça, apenas dizendo que “estão vindo atrás de mim”. Paranoicos podem ser recatados e, portanto, não prejudiciais, mas conspiratórios tendem geralmente a perturbar a paz geral e a felicidade da nação anunciando as piores catástrofes que estão para se abater sobre o país e cada um de nós. Os antiglobalistas pertencem a esse gênero

perfeitamente alucinado: “Os globalistas vão tirar nossas liberdades, vão retirar a soberania da nação, vão nos converter todos em escravos da poderosa máquina perversa” (que pode ser a do capital ou a do marxismo, à sua escolha), “eles vão destruir as bases das nossas sociedades, já estão fazendo isso, alerta minha gente!”.

Pois é, esses são os antiglobalistas, que seriam apenas ridículos, se não fossem também inutilmente ridículos, pois engajam a sociedade, quando estão no poder, em uma retirada em regra de fluxos, circuitos, correntes, movimentos e outras interações que seriam naturais e benéficas, se deixadas ao sabor das mudanças progressivas e regulares em quaisquer sociedades “normais”, ou seja, aquelas que respondem à dinâmica constante das atividades econômicas ou que reagem positivamente às novas ideias que cérebros educados estão sempre propondo para melhorar a vida de cada um dos cidadãos (ou súditos).

E quem são os globalistas, supostamente pecadores, indivíduos perigosos, propensos, pelo menos potencialmente, a roubar nossas liberdades e a soberania dos países, supostamente em benefício de algum grupúsculo organizado de conspiradores profissionais (que podem ser grandes capitalistas, judeus, marxistas, o que vier à cabeça)? Os globalistas somos todos nós, pessoas normais, que tendem a receber positivamente quaisquer novos influxos que representem agregação de valor, seja material, seja espiritual: produtos (ou seja, bens

e serviços, de todas as partes do mundo), ideias novas, hipóteses, pesquisas, desafios, enfim, quaisquer propostas de mais conforto, harmonia, bem-estar, novidades em geral. Globalistas são pessoas abertas ao que o mundo produz de melhor – e, presumivelmente, a soma de novidades do mundo sempre será maior do que as novidades do seu próprio país –, ideias interessantes, até propostas desafiadoras, do ponto de vista das velhas tradições e costumes arraigados nas dobras do tempo.

Globalistas são receptivos a tudo isso, e não temem perder a liberdade se aceitam provar um novo pudim (salvo se for inglês, pois aí é perigoso), um novo aparelho (mesmo se for chinês, com aquelas coisas embutidas que vão passar a controlar a sua vida), uma nova forma de responsabilização de políticos (esse estamento autocentrado em todos os países), e propensos a se abrirem às migrações de todos os tipos, inclusive as suas próprias. Numa palavra, globalistas são internacionalistas, e antiglobalistas tendem a ser nacionalistas tacanhos (muitos deles obtusos, ou seja, infensos a quaisquer novidades).

Estou sendo maniqueísta? Provavelmente sim, mas cabe recordar que antes de aparecerem os nacionalistas tacanhos, que proclamam abertamente serem não só antiglobalistas, como também nacionalistas de um novo tipo (não carnívoros, se supõe), todos víamos felizes, sem sequer ter a consciência de sermos globalistas, ou seja, de estarmos abertos às novidades do mun-

do. O Brasil é um exemplo disso: acolheu imigrantes de todo o mundo, como uma coisa benéfica à construção do seu próprio Estado-nação – permitindo, por exemplo, no Império, que esses estrangeiros se estabelecessem nas faixas de fronteiras –, como algo natural e positivo; mas, a partir de certo momento, virou um país nacionalista tacanho, agora tudo mais reforçado, depois que essa horda de soberanistas ingênuos e de antiglobalistas se abateu sobre nós.

3. Globalistas naturais e globalistas profissionais

A distinção pode parecer desprovida de maior significado, ou simplesmente inútil, na medida em que poucas diferenças existem, em princípio, entre aqueles que se adaptam naturalmente ao ritmo das mudanças no mundo contemporâneo – francamente globalista, na letra dos tratados e no espírito dos tempos – e os que se exercem profissionalmente no campo ativo do globalismo assumido e promovido. Vamos explicar.

Globalistas naturais são todos os cidadãos, indivíduos normais, consumidores abertos ao que possa existir de novidade no mundo da oferta dos mercados, sem preconceitos contra itens úteis na sua labuta diária ou no seu lazer cotidiano: são aqueles que não acham que a Coca-Cola é a “água negra do imperialismo” – como alguns anti-imperialistas ainda proclamavam algum tempo atrás –, que o rock não é uma “dança satânica”, que o iPhone é uma das grandes

invenções da humanidade, que a China não quer exportar o seu modelo político – apenas inundar nossos mercados de produtos baratos, eventualmente também de uma qualidade aceitável –, que a ONU não vai instalar um governo mundial e que o George Soros não vai destruir o valor da nossa moeda e sugar nossas reservas internacionais. Enfim, são cidadãos como quaisquer outros, sem prevenções contra o que nos vem de fora, e com uma imensa curiosidade de saber o que existe lá fora, sem dividir o mundo entre “nós e o resto do mundo”.

Globalistas profissionais são justamente aqueles que trabalham nessa interface, entre o nacional e o internacional, entre o doméstico e o externo, entre as nossas vantagens competitivas nacionais e as vantagens comparativas internacionais (sempre relativas, como poderia lembrar Ricardo contra aquele pioneiro, Adam Smith, que acreditava nas vantagens absolutas e na errônea teoria do valor trabalho, e que daí passou para o Marx). Em princípio, todo empresário deveria ser globalista, pois é do grande mundo externo que ele retira ideias, insumos e meios de produção para fazer sua oferta interna, eventualmente externa também. Todo economista sensato também deveria ser globalista, ou seja, a favor do livre comércio, o que não significa sair por aí negociando acordos de livre comércio com países like-minded; não precisa: basta orientar o seu ministro do comércio exterior a adotar a liberalização erga omnes, ou seja, unilateral, sem qualquer necessidade de

estabelecer acordos mercantilistas com quaisquer outros países.

Isso seria o normal, e esses seriam os primeiros globalistas profissionais, ou seja, empresários competitivos e economistas simplesmente sensatos empenhados em colocar o país na interdependência global, a melhor situação que qualquer estadista digno desse nome poderia aspirar para o seu país. Mas, hélas, isso não vale para os empresários brasileiros e para os “economistas” do governo Trump, empenhados ferozmente em defender sua reserva de mercado e em “equilibrar”, por quaisquer meios, a balança comercial, tanto a global quanto a bilateral, uma situação impossível, teórica e praticamente (inclusive porque balança comercial não é uma preocupação microeconômica de empresários, nem deveria ser a maior questão macroeconômica a preocupar os economistas governamentais, pois existem outros componentes no balanço de pagamentos).

E quanto aos diplomatas? Ora, não seria preciso nem argumentar como, ou porque, os diplomatas são, necessariamente globalistas profissionais, até compulsórios. Não se trata apenas de conformação “genética”, se cabe alusão a qualquer “fatalidade natural”, ou de alguma “deformação de ofício”, se também cabe a expressão depreciativa; antes de qualquer outro critério, trata-se de um ambiente natural para o exercício de suas funções executivas, sobretudo no caso desses burocratas obrigatoriamente imersos no mundo da globalização. E isso não existe apenas depois da construção

da ordem multilateral no pós-Segunda Guerra, ou antes, na criação da Liga das Nações, depois da Grande Guerra e com os acordos de Paris, em 1919: diplomatas integram uma das mais antigas profissões do mundo, mobilizados cada vez que soberanos mais sensatos procuravam evitar guerras ofensivas ou defensivas, em caso de tensões com soberanias vizinhas ou impérios conquistadores. Junto com os soldados, que são seus irmãos naturais e que também precisam ser naturalmente, profissionalmente globalistas, os diplomatas só existem na globalidade, na globalização, no globalismo, sendo inconcebível um diplomata “antiglobalista”.

Aliás, um diplomata antiglobalista não é apenas uma contradição nos termos, é antes de mais nada um ser ridículo, pois não se entende um profissional das relações exteriores que queira se refugiar no nacionalismo tacanho, no provincianismo rastaquera, na recusa da abertura do país a todos os tipos de interações benéficas ao povo, à economia, à cultura nacional. O que é especificamente moderno, ou contemporâneo, no globalismo diplomático, é o multilateralismo, disputando espaços preliminares com o bilateralismo triunfante até o século XIX e explodindo com vigor depois da Segunda Guerra Mundial, com a fundação da ONU e de todas as suas agências especializadas (aliás, até antes, desde Bretton Woods, que iniciou a conformação da ordem econômica multilateral do pós-guerra, que ainda é a base das relações internacionais). Um diplomata que se proclame antiglobalista é mais do

que um estranho no ninho, ou um cisne negro, é sobretudo uma aberração teórica e prática, uma vez que mesmo esse ser bizarro terá de se haver com as estruturas multilaterais, portanto globais, que foram sendo estabelecidas progressivamente ao longo das últimas sete ou oito décadas.

4. Literatura globalista e anti-globalista

Literatura antiglobalista não existia até certo tempo atrás, ou então se restringia aos poucos panfletos conspiratórios, daquele mesmo nacionalismo tacanho, que provocaram tantas guerras ao longo da era moderna, até os conflitos globais da primeira metade do século XX. O nacionalismo, segundo estudiosos do tema – Hans Kohn foi o maior de todos – é um fenômeno relativamente moderno, que se desenvolve paralelamente ao crescimento da doutrina liberal, mas que assume feições exclusivistas e excludentes no curso do gradual desenvolvimento paralelo do coletivismo, em suas diversas formas econômicas e políticas, entre elas o pangermanismo, um nacionalismo proto-globalista (se assim cabe a expressão), que provocou, junto com o expansionismo imperialista, a maior guerra de todos os tempos.

O nacionalismo, assim como o racismo – especificamente antisemita – e o culto do líder e da pátria emergiram no século XIX, tendo sido anteriormente especialmente francês, da era napoleônica – como defesa da pátria atacada pe-

las monarquias europeias que estavam sendo desmanteladas pelas novas ideias de soberania popular da revolução de 1789 –, tornou-se, na imediata sequência, um produto do romantismo alemão, que teve suas derivações nos círculos wagnerianos até chegar a Rosenberg e Hitler. No decorrer do século XIX, ele se confunde com um dos tipos de darwinismo social, a partir do qual a ideia de raça se torna a base fundamental da nacionalidade e do patriotismo. Em sua obra magna, *A Ideia do Nacionalismo* (publicada originalmente em 1944), Hans Kohn assim define o nacionalismo:

*Nationalism is a state of mind permeating the large majority of the people and claiming to permeate all its members; it recognizes the nation-State as the ideal form of political organization and the nationality as the source of all creative cultural energy and economic well-being. The supreme loyalty of man is therefore due to his nationality, as his own life is supposedly rooted in and made possible by its welfare. (Hans Kohn, *The Idea of Nationalism: A Study in Its Origins and Background*. New York: Macmillan, 1961, p.16).*

Mas antes mesmo de publicar essa sua obra magna, Hans Kohn, um promotor precoce do sionismo – depois abandonado em favor do estabelecimento de um Estado binacional na Palestina –, havia publicado, antes da guerra, uma obra, *Force or Reason: issues of the Twentieth Century* (Harvard University Press, 1937), na qual dizia o seguinte:

On a shrinking Earth man should concentrate all his rational forces upon the adjustment of his social and political life to the new conditions. Instead, we hear reason and reasonableness decried and the old battle cries of fierce imperialism and conflict of races raised again. (p. 96).

A despeito de discutir, em capítulos do seu livro, “The Cult of Force”, “The Dethronement of Reason”, ou “The Crisis of Imperialism”, Kohn proclamava, ao lado do reconhecimento das dificuldades de se alcançar a equalização concreta das oportunidades entre os homens, sua crença nos valores civilizatórios alcançados pela sociedade contemporânea e sua esperança no prevalecimento da justiça democrática. O que se teve, infelizmente, a partir dali, foi a brutal reafirmação da força, não da razão, trazida tanto pelo fascismo quanto pelo comunismo, dois movimentos aparentemente guiados por motivações globalistas, mas o primeiro nacionalista ao extremo, o segundo supostamente internacionalista (à sua maneira). Daí se pode perceber certa confusão teórica e conceitual entre os defensores do velho nacionalismo e os do novo antiglobalismo, tendentes a fazer crer que o nacionalismo não foi, como se acredita, o verdadeiro responsável pelas terríveis guerras que ensanguentaram o século XX, e sim forças ainda positivas, que nos poupariam de um suposto flagelo a ser provocado, não pela globalização – o que seria de toda forma inútil –, mas pelo globalismo, que pretenderia, segundo os novos arautos

do antiglobalismo, a “ditadura das organizações internacionais”.

Incapazes de sustentar suas ideias bizarras por meio de trabalhos consistentes, os defensores brasileiros do nacionalismo antiglobalista recorrem a obras de autores estrangeiros (geralmente americanos, europeus e israelenses), como se os novos manifestos nacionalistas trouxessem qualquer contribuição intelectual aos problemas de um país como o Brasil, uma nação que não enfrenta, como muitos desses países, problemas decorrentes de uma grande inserção mundial, de uma imensa atratividade imigratória, terrorismo, um multiculturalismo supostamente nocivo e outras questões próprias vinculadas às suas peculiaridades políticas e ideológicas propriamente nacionais. Assim como o afro-brasileiro é uma importação espúria de tendências peculiares ao ambiente racial dos Estados Unidos, o antiglobalismo atual constitui uma outra importação bizarra de “ideias fora do lugar”, sem qualquer sustentação ou correspondência numa elaboração intelectual própria.

Num plano puramente “literário”, portanto, antiglobalistas tupiniquins representam bonecos de ventríloquo repetindo ideias alheias que não possuem qualquer embasamento na realidade nacional, muito menos no contexto da atividade diplomática de um país que está praticamente excluído das grandes cadeias de valor da grande interdependência econômica global, e que precisa ainda lutar para superar fortes tendências à introversão e ao espírito mercantilista

que ainda permeia sua política comercial e sustenta sua política industrial. O antiglobalismo jabuticabal é, desse ponto de vista “literário”, uma aberração total no quadro de um universo conceitual que deveria apoiar sua ação diplomática e a atividade dos seus profissionais da diplomacia, que são, como já dito, “geneticamente” globalistas.

Em face de tamanha aberração, um “Manifesto Globalista” como o presente texto nem precisaria se apresentar como uma “crítica da razão pura” do globalismo, nem como uma “crítica da razão prática” do antiglobalismo, pois este é inconsistente, irrealista, ou simplesmente absurdo, em seus próprios termos. Como um país insuficientemente inserido nas grandes correntes da modernidade e da economia mundial, como é o Brasil, poderia ser antiglobalista? Como poderia suas elites dirigentes – quaisquer que sejam elas, as políticas, os donos do capital, os intelectuais formadores da opinião pública – poderiam pretender unir os destinos do país à pequena tribo de nacionalistas de extrema-direita que atuam no sentido de desmantelar a ordem mundial criada no pós-guerra e refluir as políticas nacionais para o ambiente estreito das fronteiras domésticas? A recusa do multilateralismo, como princípio fundador da diplomacia contemporânea, não é apenas ridícula, ela é sobretudo inoperante e, mais que tudo, inútil, em vista de todos os compromissos já existentes no plano prático.

5. Posição dos globalistas universalistas em face dos antiglobalistas nacionalistas

À diferença dos antiglobalistas, os globalistas – como este que aqui escreve – não lutam para alcançar os fins egoístas e os interesses exclusivos de uma concepção territorialista de nação, ou para realizar os objetivos estreitos de uma ideia excludente de pátria. Eles se atêm a um conceito mais amplo de interesse coletivo, que não elude noções básicas do pensamento liberal em economia e em política, ou seja, individualismo e ampla defesa das liberdades democráticas, e focam não apenas em metas do momento presente, para um determinado país ou Estado-nacional, mas proclamam uma visão vinculada a aspirações mais amplas, que representam, simultaneamente, o futuro da humanidade. À diferença, porém, do nascente liberalismo político do século XIX, os liberais globalistas da atualidade se pautam em muito do que proclamou o grande intelectual da diplomacia brasileira, José Guilherme Merquior, notadamente em sua última grande obra: *Liberalism, Old and New* (1991). Merquior sabia reconhecer a tensão já detectada desde o século XIX entre os impulsos libertários e os ímpetos igualitaristas, expressas nas correntes políticas contemporâneas. Como ele resumiu ao final desse livro:

Como foi observado por alguns distintos sociólogos como [Raymond] Aron ou [Ralph] Dahrendorf, a nossa sociedade permanece caracterizada por uma dialética contínua, embora cambiante, entre o cres-

cimento da liberdade e o ímpeto em direção a uma maior igualdade – e disso a liberdade parece emergir mais forte do que enfraquecida. (O Liberalismo, antigo e moderno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991; tradução do original em inglês por Henrique de Araújo Mesquita; p. 223)

Tal postura não tem praticamente nada de nacionalista, e muito menos de antiglobalista, mas representa o espírito do pensamento liberal, como expressão do mais puro universalismo filosófico, ou seja, tudo o que se contrapõe ao nacionalismo estreito defendido pelos antiglobalistas contemporâneos, que nada mais são do que os atuais herdeiros dos antigos nacionalistas, que produziram as grandes catástrofes do século XX. Mas não só do século XX, antes mesmo isso ocorria, como refletido nas obras de pensadores, romancistas, ativistas políticos de todos os matizes e de várias épocas.

Não é preciso remontar à famosa frase de Samuel Johnson, que ainda no século XVIII, rejeitava o patriotismo – a forma mais extrema de nacionalismo – como sendo “o último refúgio dos canalhas”, para rejeitar as formas mais extremas de exclusivismo nacional. O grande romancista russo Leon Tolstói, assim como sua compatriota Emma Goldman, ativista da causa feminista e anarquista como ele, eram, nos albores do século XX, declaradamente antinacionalistas. Ao final da Grande Guerra, já distinguido como o grande cientista da relatividade, Albert Einstein, ao ser interrogado sobre sua nacionalidade respondeu: “Pela herança eu sou um judeu, pela cidadania

um suíço, e por formação um ser humano e apenas um ser humano, sem qualquer vínculo especial a qualquer estado ou entidade nacional de qualquer tipo.” Dez anos depois, novamente questionado sobre se sentia mais como alemão ou judeu, proclamou ser contrário a qualquer tipo de nacionalismo, mesmo sob o disfarce de patriotismo: “Eu me considero um homem. O nacionalismo é uma doença infantil, o sarampo da humanidade”.

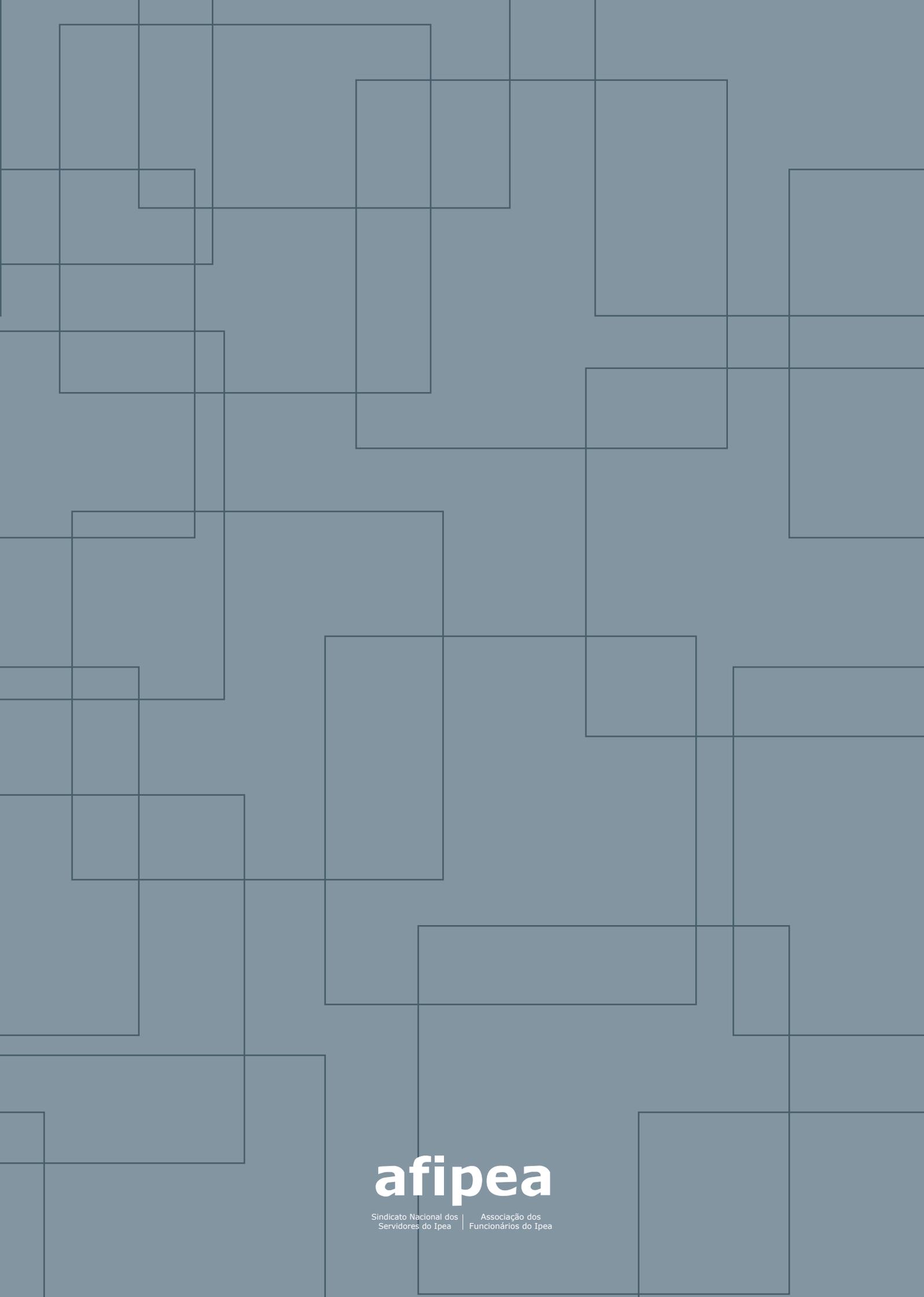
George Orwell, um socialista anti-autoritário, se expressava ao final da Segunda Guerra Mundial em termos contundentes contra o nacionalismo em suas “Notas sobre o nacionalismo” (1945). Mais perto da nossa época, o velho semanário liberal *The Economist* se perguntava, em seu editorial de 19 de novembro de 2016, quando da eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, a propósito do seu grito de guerra *America First*, se ele não era o “último recruta de um perigoso nacionalismo”. Estabelecendo uma comparação entre Trump e Ronald Reagan, que também tinha prometido recuperar os EUA, depois da patética presidência de Jimmy Carter, o editorial da *Economist* dizia:

But there is a difference. On the eve of the vote, Reagan described America as a shining “city on a hill”. Listing all that America could contribute to keep the world safe, he dreamed of a country that “is not turned inward, but outward—toward others”. Mr Trump, by contrast, has sworn to put America First. Demanding respect from a freeloading world that takes leaders

*in Washington for fools, he says he will “no longer surrender this country or its people to the **false song of globalism**”. Reagan’s America was optimistic: Mr Trump’s is angry. (...) Civic nationalism appeals to universal values, such as freedom and equality. It contrasts with “ethnic nationalism”, which is zero-sum, aggressive and nostalgic and which draws on race or history to set the nation apart. In its darkest hour in the first half of the 20th century ethnic nationalism led to war. (“The new nationalism”, *The Economist*, November 19th 2016, ênfase agregada; link: <https://www.economist.com/leaders/2016/11/19/the-new-nationalism>)*

Sintomaticamente, os antigloba-
listas brasileiros, em sua adesão doentia, não aos Estados Unidos apenas, mas ao governo e à personalidade de Trump em particular, também subscrevem as mesmas ideias retrogradadas e agressivas desse nacionalismo rastaquera e a um antiglobalismo tão bizarro quanto surrealista, pois que construindo um monstro metafísico a partir do multilateralismo contemporâneo, que eles se propõem combater com a sanha doentia de novos cruzados, na verdade com as armas enferrujadas e os slogans ridículos de um novo “exército de Brancaleone”. Como diria Marx, em seu famoso *Manifesto*, eles se prendem a velhos grilhões reacionários, não têm nenhum mundo a ganhar e pretendem fazer girar para trás a roda da História.

De minha parte, termino meu pequeno manifesto dando entusiasticamente três vivas ao globalismo!



afipea

Sindicato Nacional dos Servidores do Ipea | Associação dos Funcionários do Ipea